História

do

Mosteiro da Vacariça

e da

Cerca do Buçaco

António Augusto da Costa Simões

Câmara Municipal da Mealhada

História

do

Mosteiro da Vacariça

e da

Cerca do Buçaco

História

do

Mosteiro da Vacariça

e da

Cerca do Buçaco

António Augusto da Costa Simões

Câmara Municipal da Mealhada
2002

Nota Introdutória

A edição da História do Mosteiro da Vacariça e Cerca do Buçaco, da autoria do Dr. António Augusto Costa Simões, data de 1885 e pertenceu à Imprensa da Universidade de Coimbra.

No ano em que se comemoram os 1000 anos da Vacariça e ao mesmo tempo, 100 anos da morte do Dr. António Augusto da Costa Simões, o autor da fundamentada notícia histórica sobre aquela antiga povoação, é por demais evidente e justificada, a reedição fac-similada daquela obra.

Porque ela é ainda hoje um claro trabalho de rigor científico e um exemplo da escrupulosa honestidade intelectual do seu autor e porque traduz tudo o que praticamente ainda é aceite sobre o conhecimento que se tem da Vacariça e do seu Mosteiro Bubulense.

Foi à sua volta que se desenvolveu o lugar que chegou a possuir terras por toda a região, ultrapassando mesmo para norte a fronteira do rio Douro, com o domínio que teve sobre o Mosteiro de Leça e terras da Maia.

Em 12 de Setembro de 1514, o rei D. Manuel deu-lhe foral e foi sede do concelho até à sua extinção em 1837, um berço para o actual município com profundas raízes na nacionalidade.

Devemos celebrar com dignidade este primeiro milénio das nossas terras e nada melhor que associando-o a esse grande homem que foi Costa Simões através da notícia que nos deixou.

Assim, concretizamos uma das nossas intervenções no domínio das Comemorações dos 1000 anos da Vacariça, e ao mesmo tempo, nos 100 anos da morte do nosso ilustre conterrâneo.

Mealhada, 30 de Novembro de 2002

Carlos Alberto Costa Cabral
Presidente da Câmara da Mealhada

Preâmbulo

A primeira notícia que refere a Vacariça data de 30 de Novembro de 1002 e trata-se de um testamento feito pelo diácono Sandino, o qual doa ao mosteiro local, o mosteiro de Rocas (Sever do Vouga) e a vila de Penso (S. Pedro do Sul).

Perde-se pois na época da reconquista e obviamente mais atrás, a existência das terras da Vacariça cujo mosteiro é abundantemente referenciado em documentos do Livro Preto da Sé de Coimbra, entre o citado ano de 1002 e o ano de 1094 quando é doado por D. Raimundo, ao Bispo conimbricense.

Uma das particularidades deste mosteiro dúplice, onde coabitavam paredes meias, monges e monjas, reside no facto de não existirem vestígios físicos conhecidos, nem da opulência, que tudo leva a crer, tenha tido, nem da hospedaria, grande ou pequena, que o tenha suportado.

Tudo desvanecido na voragem do tempo, no mistério dos meandros conventuais, nas interrogações dos interesses políticos da reconquista cristã?

A sua grandeza não se pode no entanto negar, nem a influência e domínio que teve sobre a região, factos sobejamente documentados em escritos coevos, que fizeram da Vacariça um centro irradiador de riqueza e de cultura.

Estamos em 30 de Novembro de 2002.

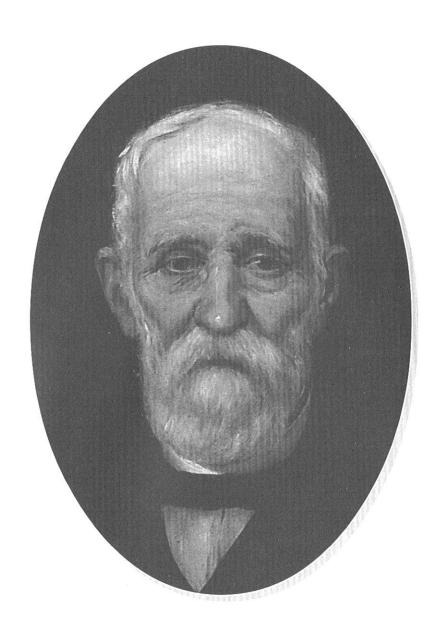
Pisamos o mesmo palco onde fizeram história os figurantes de então. Descendentes, compatriotas, actores, elo de ligação entre o antes e o agora, cumpre-nos de qualquer modo, fixar a comunidade do nosso chão e comemorar, relembrando, o passado ancestral, num regresso às origens sempre interrogativo, misterioso e aliciante, em simultâneo.

A edição fac-similada da história da Vacariça pela pena do Dr. António Augusto Costa Simões, no ano exacto em que se presta uma merecida homenagem ao próprio autor, dos mais ilustres intervenientes na memória concelhia, é mais um meio para perpetuar em conjunto o acerbo nativo e, em paralelo com a inauguração do monumento em pedra na rotunda poente da povoação, um registo de futuro na valia do passado remoto.

Recontada a nossa história comum, aquela a que algumas vezes, de forma injusta, escamoteamos o valor, sentir-nos-emos mais ricos, mais fortes, mais seguros e firmes na construção do presente em busca do amanhã que pensamos.

Uma data importante e também feliz do percurso, engrandecida por um passado intemporal que nasce atrás da nacionalidade, e se dirige com determinação e fé para um mundo sempre novo, sempre desconhecido, mas que está nas nossas mãos, como temos feito, desbravar.

Mealhada, 30 de Novembro de 2002

Fernando José Ferraz da Silva
Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara da Mealhada

António Augusto da Costa Simões

HISTORIA

DO

MOSTEIRO DA VACCARIÇA

E DA

CERCA DO BUSSACO,

OFFERECIDA

AO

INSTITUTO DE COIMBRA

POR

Antonio Augusto da Costa Simões,

SOCIO EFFECTIVO DO MESMO INSTITUTO, ASSOCIADO PROVINCIAL DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, E LENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA.

HISTORIA

DO

MOSTEIRO DA VACCARIÇA

E DA

CERCA DE BUSSACO.

HISTORIA

DO

MOSTEIRO DA VACCARIÇA

E DA

CERCA DE BUSSACO,

OFFERECIDA

AO

INSTITUTO DE COIMBRA

POR

Antonio Augusto da Costa Simões,

SOCIO EFFECTIVO DO MESMO INSTITUTO, ASSOCIADO PROVINCIAL DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, E LENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA.

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1855.

HISTORIA

DO

MOSTEIRO DA VACCARIÇA

E DA

CERCA DE BUSSACO.

MOSTEIRO DA VACCARIÇA.[1]

Fundação do Mosteiro.

Existiu em outros tempos um famoso convento, o Mosteiro da Vaccariça[2] ou Mosteiro Bubulence[3], na antiga villa da Vaccariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada, situada perto de Bussaco, meia legua ao poente de Luso.

É muito obscura a historia da fundação d'este mosteiro. A epocha assignada por Fr. Leão de S. Thomaz, a mais geralmente seguida, é muito contestada por Fr. Antonio da Purificação. Este chronista, attribuindo a Paulo Orosio a fundação do Mosteiro de Lorvão no anno de Christo de 450, quer que o mesmo eremita, poucos annos depois, fundasse tambem o Mosteiro da Vaccariça. Serve-lhe de prova um catalogo dos conventos do S.to Agostinho, no qual, depois de se fallar do Mosteiro de Lorvão, se menciona outro perto de Luso[1], cuja fundação (diz o catalogo) tambem se attribue a Paulo Orosio.

[1] A Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça, etc., pelo sr. Dr. Miguel Ribeiro de Vasconcellos, que a Academia Real das Sciencias acaba de publicar, levar-me-hia a retirar do prelo uma grande parte d'este meu trabalho, se não me vira compromettido á sua publicação pela promessa que fiz em 1852, no Instituto de Coimbra n.º 4, nota 1.ª ao meu artigo — Os Banhos de Luso.

Cabe aqui um testemunho do meu reconhecimento á boa vontadé com que o sr. Miguel Ribeiro me patenteou os documentos do archivo da sé de Coimbra, na qualidade de cartorario d'este archivo, e do muito que me coadjuvou em 1850 n'este meu trabalho, que pouco depois tive de interrompor com outros de maior urgencia.

Se n'aquelle tempo despertei a attenção do sr. Miguel Ribeiro para o Mosteiro da Vaccariça, dar-me-hei por bem pago das semanas que alli gastei só com a lembrança de ter actuado como causa, se bem que remota, na publicação d'uma memoria, que a Academia Real das Sciencias tanto apreciou.

[2] Vaccariça deriva, segundo geralmente se crê, de — Vaccaria — por se terem dado á criação do gado vaccum os antigos habitantes d'esta villa, favorecidos pelos bons pastos que poderia ministrar toda a varzea do norte, fertilizada pelas aguas de Luso; ou de — Vacca-rica — porque fossem bem reputadas no mercado as vaccas alli criadas, e ainda porque o talho do abastecido Mosteiro Bubulense fosse muito acreditado nos arredores, dando sempre optima vacca ou *vacca-rica*.

[3] A denominação de Bubulense julga-se que proviera de se ter alatinado a mesma etymologia — bubulus —. Alguns chronistas o denominaram Mosteiro Bubulense; mas nos documentos, que possuimos d'este mosteiro, do seculo X em diante, vem sempre designado por — Monasterium, Acisterium, Cenobium Vaccarize — como diz o sr. Miguel Ribeiro na sua Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça §. 13.

[1] In territorio Conimbricensi unum ad Lurbanum... et aliud ad Lusum... hæc etiam Orosio tribuimus. Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho por Fr. Antonio da Purificação tom. 1, liv. 1, tit. 8, §§. 4 e 5. N'este ultimo §. se lê tambem o seguinte: « Aqui perseveramos (os Agostinhos na Vaccariça) até á entrada dos Sarracenos em Hespanha: os quaes com barbaro furor tirarað a vida aos pobres Eremitas; e assi ficou o Mosteiro desemparado até que quãdo

Por outro lado, a Benedictina Lusitana e os mais chronistas affirmam que os dous mosteiros foram fundados no seculo VI, pelos primeiros monges que S. Bento mandára do Monte Cassino á Hespanha, e antes da morte d'este Santo Patriarcha.

Fr. Bernardo de Britto encontrou no cartorio de Lorvão, no fim d'um livro manuscripto muito antigo, uma memoria, que diz ter sido fundado este mosteiro ainda em vida de S. Bento [1]. George Cardoso cita um livro dos obitos do cartorio de Lorvão, onde se diz que Lucencio, depois Bispo de Coimbra, foi o primeiro abbade de Lorvão [2]; e este mesmo Lucencio, que assignou o concilio Bracharense em 563 [3], foi, segundo o mesmo auctor, um dos doze discipulos, que S. Bento mandou de Cassino, para edificarem, em Castella a Velha, o convento de S. Pedro de Sardenha em 537 [4], donde saío para a Lusitania, e edificou o convento de Lorvão [5].

O anno d'estas fundações vem mais precisamente designado para o Mosteiro da Vaccariça, n'um livro memorial antigo, do cartorio do Mosteiro de S. Pedro de Pedroso, citado por Fr. Leão de S. Thomaz, onde se diz que o Mosteiro da Vaccariça foi edificado no anno de 541, pouco mais ou menos, depois de fundado o de Lorvão [6].

Só com estes dados nada se póde colher, que satisfaça, sobre a fundação do Mosteiro Bubulense. Tanto o catalogo dos conventos de Santo Agostinho como o livro dos obitos do cartorio de Lorvão, o livro manuscripto do mesmo cartorio, e o livro memorial de S. Pedro de Pedroso são escriptos sem referencia a documentos contemporaneos, e sem data nem auctores, que os auctorisem. Mas, se a pezar d'isso é permittida uma opinião de probabilidade, será talvez menos arriscada a dos que se inclinam a que o Mosteiro da Vaccariça fôra fundado no seculo VI, entre os annos de 537, vinda dos Monges Benedictinos á Hespanha, e 543, morte de S. Bento [1]; não porque os outros escriptos tenham mais auctoridade do que o catalogo dos conventos de Sancto Agostinho, mas por serem mais em numero, e muito mais acreditados pela grande maioria dos nossos archeologos.

No meio d'esta divergencia, os dous adversarios Fr. Leão de S. Thomaz e Fr. Antonio da Purificação, Fr. Bernardo de Britto na sua Chronica de Cister, o Licenciado George Cardoso no Ageologio Lusitano, o Doutor Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana, Fr. Antonio de Yepes, e os mais que pudemos consultar, todos concordam em que o Mosteiro da Vaccariça fôra fundado logo depois do de Lorvão, que tiveram ambos o mesmo fundador, e que foram na primitiva da mesma ordem religiosa. Assentam esta ligação dos dous mosteiros nos mesmos escriptos, donde foram buscar a sua fundação; mas, como n'este ponto não ha divergencias, não é muito que esta noticia, a pezar de muito duvidosa, se conceda a quem se contentar com a epocha, tão mal averiguada, da fundação do Mosteiro da Vaccariça.

Duração do Mosteiro da Vaccariça desde a sua fundação até ao fim do seculo X. — Desde o principio do seculo XI até a sua extincção em 1094.

A obscuridade da historia do Mosteiro Bubulense continúa ainda até ao fim do seculo X. Apenas algumas doações e outros documentos [2], que mostram a existencia do Mosteiro

« a Portugal chegou a Reformação de Clune foy outra « vez habitado de Religiosos de S. Bento. » Poderiam ter havido estes estragos, ou os Monges fossem Agostinhos, ou de S. Bento; mas a circumstancia de se mencionarem n'esta chronica só por incidente, e de não ter encontrado nos mais historiadores o menor indicio d'este facto, leva-me a julgar fabulosa esta noticia, e a suppor que seria dada para uma explicação plausivel da pertendida transição, da ordem de Sancto Agostinho para ordem de S. Bento, no Mosteiro da Vaccariça.

[1] Domus nostra Lurbani constructa fuit viuēte patre nostro Benedicto. Chronica de Cister por Fr. Bernardo de Britto Part. 1.ª, liv. 6, cap. 29.

[2] Eadem die (10 d'abril — não diz o anno —) obiit Venerabilis Lucencius, primus quondam Abbas Lurbani, postea vero ad Episcopatum Colimbrigensis ciuitatis assumptus, qui literis, et virtutibus clarus multis interfuit conciliis. Agioligio Lusitano pelo Licenciado George Cardoso tom. 2, Commentario ao 10 de Abril.

[3] Catalogo dos Bispos do Porto por Dõ Rodrigo da Cunha part. 1.ª, cap. 4. Coronica General de la ordem de San Benito, por Frey Antonio de Yepes tom. 1, cent. 1.

George Cardoso, referindo-se a Loaysa, quer que os concilios Bracharenses, a que assistiu Lucencio, tivessem logar em 561 e 572, (tom. 2, Coment. ao 10 de Abril); mas aquella data de 563 é a mesma que se lê na Coleclecção de Concilios de Labbei.

[4] Este anno tambem o aponta Fr. Antonio de Yepes tom. 1, Cent. 1.ª folh. 87.

[5] Agiologia Lusitano tom. 2, Comment. ao 10 de Abril.

[6] Benedictina Lusitana, tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 12.

[1] Ainda ha muita divergencia nos AA. sobre as epochas do nascimento e morte de S. Bento, apezar d'alguns se terem referido a factos relativos aos reinados dos imperadores Anastacio Deoscoto e Justino, do rei de Leão D. Affonso Magno, e de Totila rei dos Godos. Fr. Antonio da Purificação diz que este Sancto Patriarcha nasceo em 527, fundou a sua ordem em Cassino em 567, e que morreu em 589. Tritencio, que nasceu em 480. O cardeal Matheus Palmerio, em 494. Victor Capuano, alguns annos depois de 494. O Padre Roman e Fr. Luiz dos Anjos, em 497. Mariano Escoto e Sigeberto em 570. E a Benedictina Lusitana, o Cardeal Baronio, Hermano Contracto, Genebrardo, Arnulfo, Yepes e outros affirmam que nasceo em 480, que fundou em Cassino a ordem benedictina em 529, e que morreu em 543.

[2] Doação de Theoddo Cõde dos Christãos em Coimbra feita a Aydulfo abbade de Lorvão e a seus mongess de duas herdades em Almafala termo de Coimbra no anno de Christo de 770. Monarchia Lusitana por Fr. Bernardo de Britto — tom. e part. 2, liv. 7, cap. 8.

Uma doação d'ElRei D. Ramiro a D. João, abbade de Lorvão, de herdades em Montemór no anno de Christo de 848. « In nomine in diuiduæ Sanctaeque Trinitatis.

de Lorvão, do seculo VIII em diante, dariam igual noticia do Mosteiro da Vaccariça, se a pretendida ligação dos dous mosteiros em eras remotas tivera fundamentos menos duvidosos. Assim, não tendo encontrado citações de nenhum documento do Mosteiro da Vaccariça, relativo a este longo periodo, em que as invasões, e repetidas guerras dos Suevos, Wisigodos e Mouros, poderiam ter influido nos destinos de todas as casas religiosas, nem sequer colhi a certeza de ter existido então o Mosteiro Bubulense, a pezar de quanto se tem escripto da sua historia n'este periodo.

Se n'esta epocha existiram monges na Vaccariça, é de crer que se conservassem em paz, durante o dominio dos Suevos, e ainda mesmo depois de substituidos pelos Wisigodos em 585 [1], porque não consta que n'esses tempos fossem muito perseguidas as ordens religiosas, principalmente depois da condemnação da heresia priscilliana no concilio Bracarense de 563 [2].

Como porém os mouros, na sua entrada pela Hespanha, depois da batalha de Guadalete em 714 [3], destruiram muitos conventos, a Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho faz entrar na conta d'estes o Mosteiro da Vaccariça [4]. Mas a maior parte dos historiadores affirmam que na Lusitania já os Serracenos procediam d'um modo differente, deixando ficar nos conventos os monges qué lhe pagassem tributos; e até um dos primeiros reis mouros, Aliboasem, cujo dominio se estendia desde o rio Alva e Mondego até Agueda, isentou os monges de Lorvão [1] d'aquelle tributo, se dermos credito a uma carta de lei de 734, archivada no mesmo convento, e citada por Fr. Leão de S. Thomaz [1].

A Chronica dos Carmelitas descalços quer que o Mosteiro Bubulense tambem alcançasse os mesmos privilegios que o de Lorvão [1]; mas ainda que dêmos pouco peso a esta ultima noticia, por não vermos citado nenhum documento em que se funde, devemos com tudo suppor que n'esta epocha se conservassem tranquillos os monges da Vaccariça, na hypothese da sua existencia por aquelles tempos.

No dominio successivo dos Mouros, e nas alternativas que se seguiram de Reis mouros e catholicos, não appareceram notabilidades, que me constem, das casas religiosas. Só por uma doação de terras, castellos e villas, que D. Gonçalo Moniz, senhor de toda a Lusitania catholica, fez, segundo La Clede, em 981, ao Mosteiro de Lorvão [2], podemos ajuizar da consideração em que eram tidas estas casas, e conseguintemente do bom pé em que então poderia estar qualquer mosteiro na Vaccariça. Mas, se El-Mansur, nas suas invasões á Peninsula, e ainda na tomada de Coimbra aos christãos em 987 [3], fazia nos templos e nos catholicos os estragos que refere Faria e Sousa [4], é natural que por aquelles tempos não ficassem em muito descanço os monges, que houvesse na Vaccariça.

Vemos pois que até ao fim do seculo X nada sabemos com certeza sobre o Mosteiro Bubulense.

Por todo o seculo XI temos noticias mais positivas do Mosteiro da Vaccariça, em escripturas e outros documentos, cujas copias se conservam archivadas. Das que achamos no Livro Preto do cartorio da Sé de Coimbra, se vê que o mosteiro existiu por quasi todo este seculo, porque as datas d'aquelles documentos se referem a annos quasi todos seguidos, desde 1002 até 1094, apparecendo apenas alguns intervallos de um e dois annos, um intervallo de tres annos, um de quatro, tres de cinco, um de seis, um de sete, e um de quatorze. [5]

Todos estes documentos inculcam a permanencia dos monges na Vaccariça nos annos a que se referem, excepto o de 1040, relativo a uma demanda entre os herdeiros de D. Unisco e o Mosteiro da Vaccariça, sobre a propriedade do Mosteiro de Vermoim, por onde consta que Todegildo ou Todeildo, abbade da Vaccariça, no tempo em que lhe confirmaram uma doação dos mosteiros de Leça e Vermoim, anteriormente feita por D. Unisco e seu filho Oseredo ao Mosteiro da

« Donationis, et testamenti carta hæc est, eam facere « estatui ego Rex Ramirus adiutus diuina inspiratiõe « vobis Joannis Abbatis, et vestris monachis de Lurbano, » etc. Monarchia Lusitana tom. e part. 2, liv. 7, cap. 12.

Um privilegio do Rei mouro Alboacem ou Alibosem ao Mosteiro de Lorvão, isentando-o do tributo que impoz aos outros mosteiros no anno de Christo de 734. Benedictina Lusitana tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 4.

[1] Compendio de Historia por João Antonio de Sousa Doria — vol. 2, 4.º periodo da hist. ant. de Port.

[2] Historia del Reyno de Portugal por Manoel de Faria y Sousa part. 2, cap. 5.

[3] Historia Geral de Portugal por La Clede — tom. 2, liv 3 = Compendio de Historia por J. A. de Sousa Doria — log. cit.

[4] Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho — tom. 1, liv. 1, tit. 8, §. 5, já citado a pag. 3, col. 2, not. 1.

[5] Chronica dos Carmelitas Descalços tom. 2, livro 4, cap. 15.

[6] Benedictina Lusitana tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 4.

La Clede accrescenta que, n'aquelle mesmo anno de 734, o Rei mouro concedeu aos catholicos o privilegio de terem em Coimbra um conde seu e outro em Agueda; mas o traductor, n'uma nota, põe em duvida a veracidade d'este salvo conducto. Tom. 2, livr. 4.

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços por Fr. João do Sacramento tom. 2, liv. 4, cap. 15, §. 122.

[2] La Clede — tom. 2, liv. 4.

[3] Historia de Portugal por A. Herculano tom. 1, introducç. n.º 3.

[4] Faria y Sousa part. 2, cap. 8 e 9, « el primer incen» dio era en los templos sagrados: y el primer golpe en « los ministros dellos, y en los Catholicos de vida mas « inculpable. » Vej. tambem a not. 1 da pag. 3, col. 2.

[5] N'outro logar desta Memoria serão apontadas as datas d'estes documentos, e as folhas do Livro Preto onde se acham.

Vaccariça, se achava longe d'esta villa, por ter fugido aos Serracenos n'uma incursão que fizeram por estes sitios[1].

Não posso determinar o anno d'esta fuga, nem o tempo que estaria sem monges o Mosteiro da Vacariça, porque nem ao menos se acha averiguada a data d'aquella escriptura de confirmação de D. Unisco e Oseredo, acceite por Todegildo fóra da Vaccariça. Inculca ser este documento um, que se acha mal redigido no Livro Preto, datado de 1013 [2] ou antes de 1014; mas esta data não póde conciliar-se com a de 1021 [3], em que teve lugar a doação a que poderia referir-se; e além d'isso, como já notaram os sr.s João Pedro Ribeiro [4] e Antonio Carvalho Velho de Barbosa [5], está desencontrada com a epocha do reinado de Vermudo ou Bermudo III, que se vê assignado no mesmo documento.

O sr. Velho de Barbosa inclina-se a que esta fuga tivera logar em 1032, fundado em documentos, que diz existirem, assignados n'aquelle anno pelo abbade Todegildo em Leça [6]. No Livro Preto achámos uma doação da povoação de Leça (como parece), feita por Trastina ao abbade Todeildo e seus monges n'este anno de 1032 [7], sem mostrar se a communidade estava em Leça ou na Vaccariça; mas, se é este o documento ou outros semelhantes, a que se refere o sr. Barbosa, no mesmo caso se acha a doação de Leovoris a Leça, feita por Didacus ao mesmo abbade e seus monges em 1034 [8], e a doação de herdades em *Avelengo*, *Comparadella* e Anta, feita por Aduzinda tambem ao abbade Todeildo e seus monges em 1038 [1]; não podendo d'aqui inferir-se que o Mosteiro da Vaccariça estivera desemparado em todo este periodo, porque tambem no anno de 1034 o mesmo abbade Todeildo concedeu, na Vaccariça, aos presbyteros Froila e Vermudo que habitassem o Mosteiro de Roças [2]; e em 1036 vemos o abbade Florito e seus monges, acceitando na Vaccariça umas casas dentro do castello de Penacova, que lhes doaram Natalia e sua filha Palmella [3].

É certo porém que esta perseguição dos monges da Vaccariça teve logar entre os annos de 1021, em que Todegildo acceitou na Vaccariça a doação de D. Unisco, e de 1040 com que vem datado o documento relativo á demanda de Vermoim. E em todo este periodo tiveram os Serracenos muitas occasiões de assoberbar-se, esperançados nos barulhos e dissensões entre os christãos, occasionadas pela morte de D. Affonso V de Leão junto aos muros de Viseu; pelo assassinato do Conde de Castella D. Garcia, em Leão, quando alli fôra com o intento de desposar D. Sancha, irmã d'elrei D. Bermudo III, successor de D. Affonso; e pela morte de D. Sancho, rei de Navarra, até á reunião dos reinos de Leão e Castella em D. Fernando I [4].

Afóra este revez, não constam mais soffrimentos dos monges da Vaccariça com o dominio serraceno; e antes se vai conhecendo o engrandecimento progressivo do mosteiro, pelas doações particulares, de que tractam a maior parte d'estes documentos; e mesmo no anno da tomada de Coimbra por D. Fernando I, de Leão e Castella, depois do celebre cerco de seis mezes, em 1064 [5], nos apparece o Mosteiro da Vaccariça, em grande opulencia, fazendo um inventario de muitas villas e logares, de que era senhor, como veremos mais adiante [6].

Dos annos seguintes, vamos encontrando escripturas no Livro Preto; e ainda em 1086 uma doação da Marmeleira por Arias [7], e ou-

[1] et super valuerunt gentes hismaelitarum super xpianos . . . et ipse abbas in amore de fide xpi fugivit ante ipsas gentes. . . . Et tenente ipso abbate ipsos monasterios in suo jure in diebus serenissimo et principem nostrum adefonsus rex. et comitissa tota domna que in ipso tempore ipsum comitatum imparabat. et post mortem ipsius regis et comitissa surrexit filius ipsius rex gloriosissimo vermudus principe et in ejus presentia perrexit ipsa domna cum ipso testamento et cum suas firmitates. et cum ipse abba et confirmavit ipse rex et suos judices et duces et ex tota palacio . . . . Post obitum de ipsa domna unisco surrexerun- omnes propinquiores sui et inquietaverunt inde monasterium vermudi et pervenerunt inde in concilio ante judices menendo. vimariz. pelagium sesnandiz. suarium gaindiz. in presentia comite menendo nuniz. et genitricis sue domna eldora . . . . octurgavit et confirmavit ipsos judices ipse prefatus et ipse dux ipsos testamentos et ipsos monasterios ad ipsum abbatem cujus veritas erat. Livro Preto folh. 55. v.

[2] Livro Preto folh. 74 v. (Era decies centena quinquies dena 1.ª inquoante secunda — *era de* 1051 *entrando em* 1052 *anno de Christo de* 1013 *ou* 1014). Póde haver confusão não applicando esta advertencia ao que diz o sr. Miguel Ribeiro d'este documento. Mem. cit. part.1.ª n.º 5.

[3] Livro Preto folh. 72 v.

[4] Dissertações Chronologicas, tom. 4, part. 2, pag 130.

[5] Memoria Historica da Antiguidade do Mosteiro de Leça.

[6] Idem.

[7] Livro Preto folh. 96. v.

[8] Livro Preto folh. 97 v.

[1] Livro Preto folh. 95.

[2] Livro Preto folh. 74.

[3] Livro Preto folh. 45.

[4] Historia de Portugal por A. Herculano. tom. 1, introducç. n.º 3.

[5] Na Monarchia Lusitana, tom. e part. 2, liv. 7, cap. 28, vem trasladada uma escriptura de doação por D. Fernando ao Mosteiro de Lorvão, d'este mesmo anno de 1064, onde se diz que estes monges coadjuvaram a tomada de Coimbra com muitos mantimentos que ministraram nos ultimos dias do cerco. O sr. João Pedro Ribeiro, na primeira das suas Dissertações Chronologicas (tom. 1, cap. 3, pag. 43), inclina-se a que este fornecimento fôra antes ministrado pelos monges da Vaccariça; mas esta opinião não assenta em documentos, e já o sr. Castilho a considerou gratuita no terceiro dos seus Quadros Historicos.

[6] Veja-se — Riquezas do Mosteiro (n'outro logar d'esta Memoria.)

[7] Livro Preto folh. 157 v.

tra da villa d'Orta por D. Sisnando[1] ao Mosteiro da Vaccariça; em 1091, outra em que o prelado da Vaccariça dá ao de Leça tudo o que lá grangeasse[2]; e em 1093 mais outra de prazo de uma vinha em Leça[3].

Parecendo mostrar estas escripturas a prosperidade e bom conceito do Mosteiro da Vaccariça, e não se encontrando documentos que possam inculcar a sua decadencia, com grande surpreza um anno depois, em 1094, vemos caír esta poderosa corporação dos Monges Bubulenses, por uma doação do seu convento e pertenças ao Bispo de Coimbra D. Cresconio, e aos clerigos da sua Sé, feita por D. Raymundo, conde de Borgonha, governador de Portugal e Galiza, casado com D. Urraca, herdeira dos reinos de Castella[4].

Com esta doação, confirmada pelo sancto padre Paschoal II, em 1101[5], e por outros chefes da Egreja[6], liberalisou D. Raymundo á Sé de Coimbra grande parte de grossos rendimentos que desfructou até 1834.

Os documentos posteriores a 1094 parecem mostrar que o bispo D. Cresconio logo tomou posse do mosteiro e suas pertenças, deixando com tudo ficar os monges em communidade por alguns annos, se bem que debaixo da sua direcção. De 1095 temos um testamento de Bailessa e seus filhos d'uma ermida de S. Martinho á egreja do Salvador de Coimbra, e ao mosteiro de S. Vicente da Vaccariça, então regido pelo abbade Salomão; testamento que se fez por assentimento do Bispo de Coimbra D. Cresconio[7]. De 1098 ha um documento, por onde se vê que, n'este anno, alguns frades pediram ao mesmo D. Cresconio, que os deixasse habitar o Mosteiro de Tresoi, subordinado ao da Vaccariça; o que o bispo lhes concedeu, exigindo que primeiro pedissem conselho ao prior do Mosteiro da Vaccariça, D. Salomão[1]. De 1099 apparece outro documento de uma demanda, em que figura por um lado Pelagio Soares, alcaide do conde D. Henrique, e por outro lado o abbade Zoleima a favor do Mosteiro da Vaccariça, dando-se a demanda a favor do mesmo abbade[2].

D'aqui em diante nenhum documento mostra a existencia de monges na Vaccariça[3]; e nos documentos posteriores apparece o Bispo e a Sé de Coimbra em pleno dominio do mosteiro e suas pertenças, como se fôra uma casa particular[4].

Ordem Religiosa do Mosteiro da Vaccariça e sua qualidade de mosteiro duplex.

Sobre a primitiva ordem religiosa do Mosteiro da Vaccariça, encontra-se nos chronistas

[1] Livro Preto folh. 48 v.

[2] Livro Preto folh. 84 v.

[3] Livro Preto folh. 65.

[4] . . . . Ego raimundus comes et uxor mea urraca adefonsi tholetani imperatoris filia cum in civitate colimbria veniremus cognovimus de episcopo domno cresconio ejusdem civitatis et de suis clericis quod poterentur multis necessitatibus . . . . et idcirco nos imanitatis mizericordia compulsi . . . . . facimus cartam testamenti ecclesie sancte marie superdicte sedis episcopalis de cenobio uocarice quod est situm prope ipsam colimbriam subtus monte buzacho Damus ipsum supradictum cenobium cum suis cunctis adjecionibus . . . . Facta est hec carta testamenti et confirmata . . . in era C.ª XXXªII post M.ª . . . . (Anno de Christo de 1094). Livro Preto folh. 40.

[5] . . . . villam quoque vacariciam cum ecclesiis et coloniis, ac prediis suis sub jure proprio episcoporum collimbriensium confirmamus, sicut ab egregio comite raimundo collimbriensi ecclesie donata, et scriptorum testimoniis ablata est . . . . Dant lateranis per manus johis sancte romane ecclesie diaconi cardinalis IX Kal. april. indic. IX, dominice incarnationis anno millesimo centesimo primo *(anno de Christo de* 1101*)* pontificatus autem Domni paschalis secundi pape secundo. Livro Preto. folh. 229.

[6] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2, livr. 4, cap. 15, (não cita documento).

[7] Ego bailessa cum filiis meis placuit nobis . . . facere cartam testamenti sicut et facimus ecclesie sancti salvatoris colimbrie. et monasterio sancti vicentii de vaccariza de illa heremita quam vocitant sanctus martinus de paliais. que est sita in territorio collimbrie subtus monte viminaria . . . . Facta carta testamenti . . . . sub consensu episcopi domni cresconci collimbriensis. et dominante salomone abbate cenobii vaccarize. Livro Preto folh. 90.

[1] Ego arias didas et pelagius didas et vermudus iben ildras et froiula jhoniz cum ceteris nostris sociis. Placuit nobis . . . . ut venissemus ad episcopum domnum cresconium petere monasterium quod dicitur trazoi quia est testamentum sancti vincenti vocabulo vaccarice sub monte buzaco ut ibi populassemus. et edificassemus ad partes monasterii. Ille autem jussit nobis ire et consilium petere ad priorem domnum salomonem qui sub sua manu tunc illud monasterium regebat . . . . Livro Preto folh. 36 v.

[2] Orta fuit intentio inter pelagium sudariz et abbatem domnum zoleimam super illam hæreditatem de anazeti . . . . et ille abbas zoleima dicente sua voce qui erat testamentum de illo monasterio de vacariza . . . . Ego pelagius suariz vobis domno abbati zoleima in hoc placito vel dimissionem manum meam roboro. . . . Livro Preto folh. 51 v.

[3] O sr. Miguel Ribeiro, na sua Memoria Historica do Mosteiro da Vaccariça, etc., transcreve um emprazamento, sem data, de herdades em Ventosa, a tres clerigos, no tempo do Bispo D. Gonçalo e do governo de D. Thereza, e por isso feito entre 1112 e 1125, ou antes, e tambem segundo o mesmo Auct., entre 1109 e 1128, donde collige que n'esta epocha ainda a Sé não estava de posse de todos os bens e propriedades do convento. Este documento, não considera os tres clerigos como frades da Vaccariça; e, ainda mesmo admittindo que o tiveram sido, não póde colligir-se que figurassem alli como corporação do mosteiro, e não como particulares ou frades secularisados. O emprazamento foi o desfecho d'uma demanda, que se deu a favor do Bispo, por se ter provado que as dictas propriedades pertenciam ao Mosteiro da Vaccariça: d'onde tambem se collige que a Mitra n'esse tempo já possuia todas as pertenças do Mosteiro, que não eram contestadas. Livro Preto folh. 41. Acha-se publicado na citada Memoria do sr. Miguel Ribeiro, prova n.º 11.

[4] Veja-se o tempo em que o Bispo de Coimbra doou o Mosteiro da Vaccariça ao Collegio de Nossa Senhora da Graça. (n'outro logar d'esta Memoria.)

a mesma divergencia, que já notei sobre a sua fundação. Não temos a certeza, como disse, de quando se fundou este mosteiro, nem mesmo se o fundador foi algum dos apontados Paulo Orozio ou Lucencio. Tendo sido fundado por Paulo Orozio, teria sido primeiro da ordem de Sancto Agostinho, a que pertencia aquelle eremita celebre; e, se foi fundado por Lucencio ou por outros monges benedictinos, a sua ordem primitiva teria sido a de S. Bento.

Na falta de bons documentos, que sirvam directamente para esta questão, os chronistas a tem subordinado á questão mais geral sobre a épocha do estabelecimento dos benedictinos na Hespanha. Fr. Antonio da Purificação quer que só depois da reformação de Clune, em 910, apparecessem na Hespanha os primeiros monges benedictinos; e Fr. Leão de S. Thomaz, com os mais chronistas, que tenho citado, pretende que já alli os houvesse mais de 300 annos antes d'aquella reforma.

Em favor da ultima opinião vem uma escriptura, feita no anno de Christo de 781, entre o abbade do Mosteiro de S. Vicente de Oviedo e 23 noviços ou monges que entraram n'este mosteiro [1]: uma escriptura que fez Adelgastro, filho d'Elrei D. Silo, no anno de Christo de 780, ao Mosteiro de Nossa Senhora d'Obona [2] (Asturias): outra escriptura ou privilegio de D. Ordonho, Rei de Leão, ao Mosteiro de S. Pedro de Montes (Galliza), no anno de Christo de 898 [3]: e uma doação d'ElRei D. Affonso Magno e sua mulher D. Ximena ao Convento de S. Facundo (no reino de Leão), no anno de Christo de 905 [4].

Em todas estas escripturas, doações e privilegios anteriores a 910, os monges e mosteiros Hespanhoes, a que se referem, são tractados como mosteiros e monges de S.

[1] O Abbade, n'esta escriptura, declara aos noviços que 20 annos antes tinha edificado aquelle mosteiro, recebendo a regra de S. Bento para a guardar, e que na mesma conformidade os recebia. Frey Antonio de Yepes — Appendix do tom. 3.º Escript. 11.

[2] N'esta escriptura, diz Adelgastro que institue este mosteiro — « ad honorem Dei, et Beatae Mariae .... et Sancti Benedicti Abbatis, cujus ordinẽ in ipso monasterio instituimus .... » Yepes. Appendix do tom. 3.º Escript. 17.

[3] « Nos Arnulphus Episcopus Astoricensis sedis ordinavimus pro consecrationis officio Abbatem nomine Gennadium, dedimus que ei Regulam observationis sanctæ vitæ ..... et omnem doctrinam deificam constitutam in Regula beati Benedicti, quam eis obseruandam tradidimus, cum cunctis, sibi subiectis monachis retinendam iniũgimus: hanc iure monastico obseruare elegimus .... » — Yepes. Appendix do tom. 2.º Escript. 14.

[4] Os doadores, depois de terem referido a doação ao abbade do mosteiro, accrescentam — « y es nuestra voluntad, que tenga cuydado del dicho Monasterio, y le rija, y haga guardar la vida monastica conforme la regla de San Benito » — Yepes. tom 3.º centuria 3.ª cap. 2 folh. 169.

Bento. Por outro lado, para mostrar que só depois de 910 se estabeleceram os benedictinos na Hespanha, aponta Fr. Antonio da Purificação um privilegio de D. Ramiro, Rei de Leão, concedido ao Bispo e Cabido da mesma cidade no anno de Christo de 946 [1], e outro privilegio de D. Sancho Ramires, Rei d'Aragão, ao Mosteiro de S. Salvador de Leire (Navarra) no anno de Christo de 1070 [2].

N'estes privilegios, dizendo-se que a ordem de S. Bento viera do Mosteiro de Clune para estes sitios, parece mostrar-se que só depois d'esta reforma se estabeleceram na Hespanha os monges benedictinos; mas, vendo-se por outro lado a clareza com que os outros documentos apontados mostram a opinião contraria, parece não haver outro meio de saír d'esta contradicção, talvez apparente, a não ser a lembrança de que, tendo sido a reformação de Clune uma reforma tão capital da regra de S. Bento, e tendo feito de certo modo esquecer a primitiva instituição da ordem benedictina, pelo credito e vulto que tomou em toda a Christandade, e por ter sido abraçada em todos os mosteiros benedictinos, pode crer-se que, marcando esta reforma uma nova era na ordem de S. Bento, o mosteiro de Clune fosse considerado como a fonte da ordem benedictina para todos os mosteiros que a abraçaram, ainda mesmo para aquelles que anteriormente observassem a primitiva regra de S. Bento. Se d'este modo podér salvar-se a contradicção d'aquelles documentos, poderá admittir-se a existencia dos monges benedictinos na Hespanha antes de 910 [3]; mas ainda assim, mostrada a possibilidade de ter sido benedictina a primitiva ordem religiosa do Mosteiro da Vaccariça,

[1] « Volumus nanque, et ordinamus, quod Regula Sancti Benedicti quæ utique per inclytos Monachos Cluniacenses ad nostras Ecclesias recenter aduenisse perhibetur, in universis nostrae ditionis finibus deuote, ac benigne prout cõvenit, hospitetur, et faueatur .... » Chronica dos Erem. de Sanct. Agost. — tom. e part. 2.ª liv. 4.º tit. 3.º §. 12.

[2] « Nunc igitur ego humillimus seruorum Dei seruu dono Dei Sanctius Rex Monasterium Sanctis Saluatoris de Leire corroboro Abbati Sanctio etc. talia priuilegia, præcepta, et decreta, et libertates, qualia habet Cluniacense Monasterium, de cujus Sanctissimo fonte Ordo Beacti Benedicti in his partibus prius emanauit. » — Chron. dos Erem. de Sanct. Agost. — tom. e part. 2.ª liv. 4.º tit. 3.º §. 12.

[3] Fundado no mesmo principio de não terem entrado os benedictinos na Hespanha senão depois de 910, Fr. Hermenegildo de S. Paulo diz, que o Mosteiro de Lorvão fôra da sua ordem (Monachato Bethelmitico ou Monachato Jeroniminiano) até ao anno de 1000 (Chron. dos Carm. Descalços. tom. 2.º liv. 4.º cap. 15.º — pag. 85). O auctor pretende que tanto este de Lorvão, como todos os mais da Hespanha, e por conseguinte o da Vaccariça, fossem da sua ordem até áquella epocha. Em vista do desinvolvimento que tenho dado a esta questão, e da nenhuma importancia que a citada chronica dá a esta asserção de Fr. Hermenegildo, posso a talvez reputar como simples conjectura, que não merece exame serio.

não póde affirmar-se que o fôra, por falta de documentos que directamente o provem, e ainda mesmo pela obscuridade historica da sua fundação e sua existencia até ao fim do seculo X. Ainda na epocha do melhor conhecimento do Mosteiro da Vaccariça, dos principios do seculo XI em diante, não achei provas directas de ser então de S. Bento o Mosteiro da Vaccariça; mas apparece, em muitos documentos d'esta epocha, o chefe da corporação com o tractamento de abbade, de prior, e de preposito; e a regra do mosteiro, denominada regra sancta, d'onde inferiram os chronistas, e modernamente os srs. Velho de Barbosa, e Miguel Ribeiro[1], que n'esta epocha era de S. Bento a ordem religiosa dos monges da Vaçcariça; reforçando o snr. Velho de Barbosa a sua opinião com uma especie de profissão, conforme á regra de S. Bento, feita pelo presbytero Randulfo e o monge Pedro, n'uma escriptura de compra e venda ao abbade Todildo, no anno de 1008[2].

Não sei até que ponto poderemos confiar n'estes fundamentos. Os titulos de abbade, prior e preposito tiveram applicação, segundo os diccionarios que pude consultar, a differentes dignidades das corporações religiosas indistinctamente, e alguns a parochos de certas egrejas, e a differentes cargos civis, e até a postos militares. O tractamento de abbade, segundo Fr. Antonio da Purificação, não era exclusivo da ordem de S. Bento, pertencendo egualmente na primitiva ás antigas ordens de S. Basilio e Sancto Agostinho[3]. O titulo de prior competia em alguns conventos ao primeiro director do mosteiro, e n'outros ao director immediato; mas apparecia este tractamento nas differentes ordens de S. Basilio, Sancto Agostinho, S. Bento, S. Jeronymo, nas ordens militares de S. Tiago, Calatrava, Alcantra, etc. competia egualmente aos cabeças dos consulados estabelecidos em Andaluzia, Lima e Mexico, encarregados de las *Flotas y Galeones* e o mais que dizia respeito ao commercio da India[6]. Tambem se chamavam priores os primeiros magistrados de muitas cidades da Croacia e Dalmacia, havendo alem d'isso, n'aquelles tempos antigos, differentes cargos civis com o titulo de prior[7]. O tractamento de preposito, nos mosteiros de differentes ordens, dava-se antigamente como titulo de dignidade, immediato ao de abbade, e éra tambem assim designada uma dignidade ecclesiastica nas cathedraes; mas competia além d'isso entre os romanos a differentes cargos civis e militares e ainda mesmo a differentes empregos do serviço particular dos Imperadores[1].

Com uma applicação tão commum nas ordens religiosas, e tão extensiva a diversos cargos civis e militares, ainda que mais usados n'uma dada ordem, estes titulos em qualquer mosteiro, não podem demonstrar a natureza da sua ordem religiosa. A latitude de suas accepções deveria ter-lhes tirado uma significação restricta; e, considerados estes titulos como synonymos de chefe ou director de qualquer corporação, não admira que se adoptassem arbitrariamente em differentes conventos, qualquer que fosse a sua ordem religiosa.

O segundo fundamento, a denominação de — Regra Sancta — como exclusiva da regra de S. Bento, o unico de importancia para o sr. Miguel Ribeiro, merece, é verdade, mais consideração, mas assim mesmo ainda me deixa algumas duvidas, que desejára ver dissipadas.

O Dicionario de Du-Cange tem como synonymos regra sancta e regra de S. Bento, fundando-se na auctoridade de varios auctores, que, por occasião de fallarem na regra de S. Bento, a denominaram regra sancta[2]; e o Diccionario Universal, impresso por ordem de Monseigneur Prince Souverain de Dombes, tambem diz que alguns auctores tem chamado regra sancta á regra de S. Bento[3]. Mas no Diccionario da Academia Franceza[4], no Diccionario da Academia Hespanhola[5], no Diccionario Universal das sciencias ecclesiasticas[6],

[1] Memorias citadas d'estes dous auctores.

[2] Livro Preto — folh. 81 v. Vem copiada na Memoria Historica do Mosteiro de Leça — documento n.° 3.

[3] Chronica dos Erem. de Sanct. Agostinho — tom. e part. 2.ª — addição — §. 4.

[4] Veja-se pag. 3 — Fundação do Mosteiro.

[6] Diccionario de la Lengua Castellana etc, compuesto por la Real Academia Hespanola — 1737 — Prior.

[7] Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ latinitatis. Autore Carolo Dufresne, Domino Du Cange — 1734. Prior Juratorum — Prior Loci — Prior Forensis — Prior Provincialis, etc.

[1] Bluteau. Vocabulario Portuguez e Latino 1720. Moreri. Diccionario historico, o Miscellanea curiosa de la historia sagrada y profana, traducido por D. Joseph de Miravel y Casadevaute. 1753 — Præpositus monetæ — Prœpositus fabricæ — Præpositus militum — Prœpositus auxiliorum — Præpositus Palatii — Prœpositus camaræ regalis (cubicularius) — Præpositus mensæ — Præpositus fibulæ — Præpositus bastagæ, etc, etc.

[2] Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ latinitatis. Autore Carolo Dufresne, Domino Du Cange (já citado) — Regula Sancta, eadem, quæ S. Benedicti . . . . . Regula Sanctorum patrum. S S. Benedicti scilicet et Columbani.

[3] Diccionaire Universel Français et Latin — imprimé par ordre de A. A. S. Monseigneur Prince Souverain de Dombes — 1721. La Regle de Saint Benoit, que quelques Auteurs ont appellée Régle Saint.

[4] Nouveau Diccionaire de l'Academié Francaise — 1718 . . . on appelle aussi, Regle, les Statuts que les Religieux d'une Ordre sont obligez d'observer. La Regle de S. Bazile. la Regle de Saint Augustin. la Regle de S Benoist, la Regle de S. François.

[5] Diccionario de la Lengoa Castellana . . . . compuesto por la R. Academia Hespañola (já citado) — Regla se llama tambien la ley universal, que comprehende lo substancial que debe observar un cuerpo religioso.

[6] Diccionaire Universel, dogmatique, canonique, historique, geografique, et chronologique des sciences ecclésiastiques . . . . par le R. P. Richard — 1761 — Regles monastiques, se dit des loix qui sont observées dans les differents ordres Religieux.

e n'outros que pude consultar, a palavra *regra* —applicada ao regimento do serviço dos conventos, tem uma significação commum ás differentes ordens religiosas, trazendo-se para exemplos a ordem de S. Bento, e indistinctamente as outras ordens religiosas, sem nunca se fallar em regra sancta.

Este ultimo adjectivo, que, nos documentos já mencionados do Livro Preto, se acha ligado á regra do Mosteiro da Vaccariça, tambem alli se encontra qualificando as localidades d'este mosteiro e do de Leça, tratando-os como logares sanctos [1]. E nos mesmos documentos do Livro Preto não se falla da regra sancta d'um modo tão invariavel, que possa designar a regra ou ordem do Mosteiro da Vaccariça; mas adopta-se igualmente a expressão de vida sancta, de vida monastica, etc., para se exprimir talvez a moralidade, a linha de conducta, ou regra dos monges [2].

Tendo pois d'um lado as auctoridades de Du-Cange e de Souverain de Dombes, que tomam como regra sancta a regra de S. Bento, e tendo por outro lado a omissão dos outros diccionarios a este respeito, e a consideração de que nos documentos do Livro Preto não se encontra só a expressão de regra sancta, mas tambem a de vida sancta, e até a de logar sancto applicado ao logar do mosteiro; e, se attendermos alem d'isso a que na primitiva os mosteiros se regiam apenas por instrucções vocaes de seus instituidores, começando a adoptar-se a regra escripta nas differentes ordens religiosas só depois da instituição da regra de S. Bento [3]; se attendermos finalmente a que esta regra não tinha nenhum titulo que lhe conferisse a denominação precisa de regra sancta: poderá alguem inclinar-se a que a expressão de regra sancta, applicada á ordem de S. Bento, não era a designação precisa da respectiva regra, mas serviria para exprimir o bom comportamento dos monges, ou a sua vida sancta, nos mosteiros exemplares ou n'aquelles logares sanctos; e que estas expressões, por vaidade ou imitação, se deveriam propagar nas outras ordens religiosas, que não teriam em menor conta o comportamento dos seus monges, a regra que os dirigia no caminho da sanctidade, ou a sua regra sancta.

O outro fundamento, de que falla o sr. Velho de Barbosa, isto é, a escriptura de compra e venda, em que o presbytero Randulfo e o monge Pedro, exprimem o seu respeito ao abbade Todeildo d'um modo semelhante á fórmula da profissão recommendada na regra de S. Bento, terá menos importancia, talvez, se attendermos a que foram modeladas pela regra de S. Bento as regras escriptas das outras ordens antigas, e que a fórmula do juramento das profissões deveria ser um dos pontos menos alterados nas differentes regras.

Na impossibilidade de formar opinião segura a este respeito, entrego todas estas considerações á judiciosa critica das pessoas competentes. Mas, se ainda subsiste a força dos fundamentos com que unanimemente se tem reputado de S. Bento a ordem dos monges da Vaccariça, encontra-se a demonstração n'uma grande parte d'aquelles documentos do Livro Preto de todo o seculo XI. Em quinze documentos achei o prelado da Vaccariça com o tratamento de abbade; com o tratamento de prior em dous; e com o titulo de preposito em seis. A regra do mosteiro, o comportamento dos monges, ou a sanctidade da sua vida claustral e a sanctidade da propria localidade do mosteiro, achei-as mencionadas em quatorze documentos designadas com expressões—regra sancta—vida sancta—vida monastica—e logar sancto [1].

[1] Ego aucila christi vita domna cognomento trastina .... concedo ad ipsum locum sanctum, et fratribus qui ibi perseveraverint medietatem integram .... Anno 1032. Livro Preto folh. 96 v.

... Ego ... didacus daildiz ... testo et concedo ad ipsum locum sanctum, et vobis todeildo abbati, et fratribus vestris, qui ibi habitantes fuerint .. de villa mea nominata, quam nuncupant leoveriz .. 1034. Livro Preto—folh. 97 v.

[2] Veja-se a not. da 2.ª col.

[3] Diccionnaire Universel, dogmatique, canonique, historique, géographique et chronologique des sciences ecclésiastiques ... Par le R. P. Richard (já citado).

[1] Goandinus ... vel Sandinus Diaconus ... placuit nobis ut faceremus .... abbatem anderias ... cartulam testamenti .... si in vita sancta perseveraverit ... nisi qui in vita sancta perseveraverit ... Anno de Christo de 1002—Livro Preto—folh. 61.

... abbatibus aut monachis aut fratribus, qui in vita sancta perseveraverint ... 1003—folh. 68.

... ego famulo dei resemundo ... ut faceremus vobis emiliano abbati et colationi monasterii vaccarice qui in vita sancta perseveraverint cartulam testamenti de hereditate mea quam habeo in villa ricardanes ... 1016—folh. 60.

Ego ... licet indignus zalama pbr tibi miliani abbati et ad fratres qui ibi semper in vita sancta perseveraverint ... 1018—folh. 59 v.

... et ad ipsum abbatem domum tudeildum, et fratribus suis qui in victa sancta perseveraverint, et monasticam vitam deduxint ... 1018—folh. 63.

... vobis todeogildo abbati .. 1021—folh. 72 v.

... et vobis tudeildo abbati, et fratribus vestris qui in vita sancta perseveraverint .. 1032—folh. 96 v. (já citado).

... cenobio vaccariza ad pbros et ad frs qui ibi morantes fuerint, et vitam sanctam deduxerint ... et vobis abbati domno florite ... 1036—folh. 45.

... pro tolerancia fratrum hospitum pregrinorum, qui in vita sancta perseveraverint, et monasticam deduxerint vitam ... 1038—folh. 95.

... tudeildus abbas in cenobio vaccarice ... ipse abba solum cum collegio monachorum et fratrum qui sub sua regula sancta deduxerint .. 1040—folh. 55 v.

... habitante gundisalvo abbate in cenobio vaccariza ... cum collegio monachorum et fratrum, qui sub sua regula sancta deduxerint ... 1040—folh. 71 v.

... ego jhones una cum fratribus meis ... concedimus monasterium saurio cum jacentiis et a prestationibus suis vobis florite abba et ad fratres vestros, et ad monasterium vaccariça, qui in vita sancta perseverare voluerit et monasticam deduxerint vitam .. 1043—folh. 41 v.

... si bonus fuerit et in vita sancta perseveraverit ... 1045—folh. 69.

O convento da Vaccariça foi dos mosteiros duplices da antiguidade, onde viviam frades e freiras, em repartições separadas; mas celebrando o officio divino na mesma igreja, em coros differentes, ou no mesmo côro; sendo n'alguns mosteiros a oração commum, e orando n'outros em separado.

A obscuridade da sua historia até ao fim do seculo X não nos permitte saber se logo na sua instituição foi mosteiro d'esta natureza. Desde 1003 até 1086 [1] vem mencionados os frades e freiras da Vaccariça em varias doações e outros documentos do Livro Preto; donde se póde colligir que fôra mosteiro duplex por todo este seculo até á sua extincção, por terem decorrido apenas oito annos de 1086 a 1094, e não apparecer nenhum documento em contrario. É verdade que os mosteiros duplices já tinham sido prohibidos por Gregorio II em 546 [2], e depois no Concilio de Nicea em 787 [1]; mas é certo que, a pezar disso, continuaram subsistindo em Portugal e por toda a parte, como nos dizem Viterbo [2] e Boehmero [3].

Riquezas do Mosteiro da Vaccariça.

Nada consta dos têres do Convento da Vaccariça até ao fim do seculo X. Os documentos importantes, que mostram as immensas doações, que o bom conceito espiritual d'este mosteiro lhe fez affluir de muita parte, todos são do seculo XI desde 1002 até 1093.

De 1002, achamos uma doação de *Guadinus e Sandinus*, das povoações de *Roças* e *Penso*, e do Mosteiro de *Roças* com todas as suas pertenças, entrando calices, cruzes e muitos paramentos [4]. Em 1003, lhe doou Godo as povoações de Pedroso, *Maniose*, Scapaens, e Cide [5]. Em 1005, temos a doação do Mosteiro de Sever com todos os seus bens [6]. Em 1006, a doação de Villa Nova por D. Fruela Gonsalves, filho de Gonsalo Moniz [7]. Em 1018, a doação das povoações de Paradella, *Abolini*, *Salas* e S. Martinho, e o Mosteiro de Sever

Domino nostro tudeildus abba pactum simul et placitum facio vobis fratribus nostris florite prepositus, et fratribus tuis de cenobio vaccariza . . . 1045 folh. 78 v.

. . . ad prehenderit sine benedictione abbatis, vel sancta commune regule habeas potestatem supper nos (promessa de obediencia dos frades ao abbade) . . . . 1045 — folh. 80.

. . . et patri florido abbati . . . et alvito pbro, preposito vestro, et congregationi cenobii vaccarice . . . 1047 — folh. 64.

. . . vobis alvito abbati . . . et ildras prepositus (um da Vaccariça e outro de Leça) . . . 1055 — folh. 54 v.

. . . monachos, et ad fratres qui vitam sanctam perseveraverint . . . 1078 — folh. 44 v.

. . . Ego Esemeo frurtunio prolis pariter cum uxore mea suzana . . . jubemus per manus prepositi nostri, vel damus petro abbati . . . unum molinum cum sua varzena . . . pro gubernatione fratrum vel sororum qui in ordine sancto perseveraverint . . . . 1079 — folh. 50 v.

. . . Hoc placitum confirmare inter se elegerunt zoleime pbr cilicet prior vaccarice cenobii sancti vincentii, et gutinus presbyter . . . . predicti prioris de acisterio de leza vocabulo . . . 1091 — folh. 84 v.

. . . ego ramirus vaccariensis prior confirmo. ego cidi david filius prior leze cenobii confirmo . . . 1093 — folh 65.

[1] . . . . Adicimus ibidem domine ad ipsius sacro sanctum . . . et venerabilem templum, qui sunt pro velamine servorum, vel ancilarum . . . Anno 1003 — Liv. Pr. folh. 68 (já citado).

. . . Vobis todeogildo abbati et fratribus et sororibus habitantes in monasterio vaccariza . . . 1021 — folh. 72 v. (já citado).

. . . damus . . . ut tolerantia Sit fratribus et sororibus ibi preseverantes . . . 1032 — fohl. 96 v. (já citado).

. . . qui sunt pro velamine servorum vel ancilarum dei . . . 1041 — folh. 62.

. . . utt ad servorum vel ancilarum dei . . . 1045 — folh. 69. (já citado).

. . . Adicimus ibidem domine ad ipsius sacrosanctum vel venerabilem templum qui sunt per volamen servorum vel ancilarum deo de servitio . . . 1047 — folh. 64. (já citado).

. . . Ego unisco . . . vobis todeogildo abbatti et fratribu et sororibus habitantes in monasterio vaccariza concedimus vobis . . . . . 1052 — folh. 72 v.

. . . pro gobernatione fratrum vel sororum qui in nomine sancto perseveraverint . . . . . 1079 — folh. 50 v.

. . . ut habeant et possideant fratres et sorores qui ipsum locum sanctum obtinuerint . . . . . 1086 — folh. 48 v.

[2] Decr. Grac. caus. 18 quest. 2, c. 22. — In nullo loco monachos et monachas permitim unũ monasterium habitare; sed nec ea, quæ duplia vocant. Et si quod tale est; religiosus episcopus mulieres quidem in suo loco manere studeat; monachos autẽ aliud monasterium edificare cogat. Si autem plurima sint talia monasteria: separẽtur in aliis monasteriis monachæ, et in aliis monachi: res autem, quas habent communes, secundum jura eis competencia distribuantur. — Decretum Gratiani — Lvgdvni 1584.

[1] Conc. 2 de Nicea caus. 20 do Decr. Grac. caus. 18. quest. 2, c. 21 — Diffinimus minime duplex monasterium fieri: quia scandalum id, et offendiculum multis efficitur. Si vero aliqui cum cognatis mundo abrenunciare, et monasticam vitam sectari voluerint, debent quidem viri virorum adire coenobium, foeminæ vero mulierum ingredi monasterium . . . .

[2] Elucidario por Viterbo — palav. Mosteiro.

[3] Boehmero not. 99 ao Dcr. Grac. caus. 18 quest. 2, c. 22.

[4] guandinus . . . . vel sandinus diaconus . . . placuit nobis ut faceremus . . . abbatem anderias . . . cartulam testamenti . . . id est subtus monte zebrabrio in villa quam vocitant roças monasterio quod vocitant sancti salvatoris sancti . . . sancti pelagii, cujus basilica est fundata in ipso loco, cum domus intrinsecus domorum, liberos, capsas, calices, cruces, coronas, vela, vel vestimenta ei, ut est ornamenta ecclesie, cum omnibus adjunctionibus suis . . . . et adicimus ad ipsum locum quod testamus villa que dicent penso per suos terminos cum omnibus prestationibus suis — Liv. Pr. — folh. 61.

[5] . . . ego domine ancila tua godo . . . adicimus . . . . medicamenta de ecclesia que sita est in villas preneminatas, hic sunt pedroso, et maniose, et scapanes, et villa cidi . . . Liv. Pr. — folh. 68.

[6] . . . damus vobis ipsum monasterium cum domus domorum, vel in corcis suis pomares per areaneum enares, saltos, terras ruptas vel inruptas petras mobiles vel imobiles, aquis aquorum, exitus vel regressus . . . Liv. Pr. — folh. 67 v.º.

[7] . . . Ego froiula prols gundisalvi munionis . . . . . . ego supra nominatus . . . . facimus seriem testamenti ad monasterium de vaccariza . . . . villa nominata que vocitant villa nova suburbio colimbrie juxta montem buzacho ad rio de Angarna . . . concedimus illam per suos terminos antiquos cum omnibus suis prestationibus quantum in villa potueritis invenire pomares ficcares arbores fructuosas vel infructuosas terras ruptas vel inruptas . . . Livro Preto — folh. 35 v.º.

com todas as suas pertenças [1]. Em 1020, uma doação importante das povoações de Levira *Lazaro* e outras, com as respectivas propriedades n'uma grande extensão entre Villarinho e Mamarrosa por Gaudio, Elias, etc. [2]. Em 1021, a doação do Mosteiro de Leça com todas as suas pertenças de varias povoações e muitas herdades, egrejas, paramentos, etc., por D. Unisco Mendes e seu filho Oseredo Truitesindes [3]. Em 1047, outra doação muito avultada de egrejas, propriedades e muitas povoações, que fez ***Resemondus prolix Maurele et Baselise*** [4]. Em 1086, a doação que fez o Duque D. Sisnando da povoação d'Horta [1]; e outra da Marmeleira, por Arias Mendes e sua mulher *Tivili* [2].

Alem d'estas, encontram-se no Livro Preto umas trinta doações d'egrejas, povoações, propriedades, etc., não contando muitas escripturas de emprasamento, de herdades, etc, o que deu ao Mosteiro da Vaccariça uma opulencia tão subida, e tão vasta jurisdicção sobre egrejas e mosteiros, de que só póde ajuizar quem tiver lido no Livro Preto estes numerosos e interessantes documentos [3]. Só entre o Vouga e Mondego, o Mosteiro da Vaccariça era senhor de muitas povoações, as mais importantes d'aquelle tempo, como consta d'um inventario que fez em 1064 [4].

[1] . . . Ob inde ego tuta domna (diz que faz doação ao Mosteiro da Vaccariça do seguinte.) . . . Id sunt medietatem de paratella ad integrum, et medietatem de abolmi, medietatem de salas, vel villa de sancto martino quanto ibidem potuerint invenire, et ilud monasterium de severi integro cum cunctis ajunctionibus, et pestationibus suis . . . . Liv. Pr. — folh. 85.

[2] Ego gaudio et helias pariter cum uxore mea gratiosa . . . placuit nobis . . . ut faceremus vobis andrias abbati et fratribus vestris in monasterio quod vocitant vaccariza . . . facimus vobis textum scripture firmitatis de villa nostra que vocitant livira in territorio colimbriensi, et de alia villa que dicunt lazaro . . . cum quantum prestitum hominis est . . . Et ipsa hereditas dividit ab orientale parte cum villarino et ad meridiem per ipsum montem usque vertit ad illum rogio quem vocitant samia, ab aquilone parte ubi vertit se illa livira in flumen certome, ad occidentalem partem per ubi dicunt mamoa rasa ubi est illa heremita que vocitant sancti romani et dividit per ipsam serram ad portum aureo et vertit in flumine certome per ubi concludent nostras hereditates et ipsas hereditates desuper taxatas firmiter habeatis et possidiatis in perpetuum . . . Liv. Pr. — folh. 44.

[3] . . . Ego unisco prolis menendi et patrina . . . vobis todeogildo abbati et fratribus et sororibus habitantes in monasterio vaccariza concedimus vobis . . . . monasterium de leza cum cunctis adjectionibus suis et prestationibus . . . et ego unisco cum filio meo oseredo villa de aegelanes ab integra cum sua varzena . . . hereditates que jacent in patrocello et in saltarios tam de audengo quam etiam in nostras cartas resonat et de villa necariede medietatem integram et de illa alia media II actabas una de recemondo et alia de argivido hereditate de mala ibi in ipsa villa idem in ipsa villa hereditate que fuit de domno vilifonso ab integro hereditate de fromosindo ab integro hereditate de romano V integra de hereditate de fromarigo V.ª integra. et in villa kaeiros nos hereditate quam hic habuit frater savarigo comparata, villa manualid cum omne adjunctionibus suis villa pausatella . . . villa sunillanes cum omnibus adjunctionibus suis mitonaeli et canderedi villar cum omnibus adjunctionibus suis caitorelo et alius villar cora durio alduari cum omnibus adjunctionibus suis et una ecclesia vocabulo sancti martini idem in manualdi duas partes de ecclesia sancti mametis (consta ainda de livros d'egreja, calices, e muitos paramentos). Livro Preto — folhas 72 v.º

[4] Ego domine famulus tuus resemondus prolix maurele et baselise . . . . Adicimus ibidem domine ad ipsius sacrosanctum et venerabilem templum qui sunt per velamen servorum vel ancilarum deo de servicio, medietatem de ecclesia que sita est in villa foramoutanos vocabulo sancte marie cum medietate de mea hereditate de villa volpeliares, sicut illam habeo pro pretio et cartas et de iuliano quantum obtinuit per meas cartas, et in villar quantum in meas cartas continet, in villa nigrelos quantum obtinuit per meas cartas medietatem integram in ripa vauga in marnel ubi dicent arravalde quantum in meas cartas resonat, et in villa iliavo quantum in meas cartas resonat . . . . in villa ricardanes sanctus michael cum ajunctionibus suis que fuit de indura pbro, hereditas que fuit de tanioi . . . . . et in villa carvaliales ecclesiam vocabulo sancti martini . . . Et in villa antolini et nesperaria . . . et in villa ferreirolos et castro . . . Ibi in recardanes larias et cortinas . . . et damus de villa seixozelo (seguidamente nomeiam-se calices, paramentos, etc.) . . . Livr. Pret. folh. 64.

[1] . . . . Ob inde ego domnus sisnandus cui dominus salvetur placui mihi pro bone pacis voluntate ut facerem textum scripture firmitatis . . . . de ipsa villa quos vocitant Orta . . . . Dono adque concedo ipsam villam iam superius nomitatam ad ipsum locum sancti vincenti (da Vaccariça) cum omnes suas prestationes . . . . Liv. Pr. — folh. 48 v.

[2] Ego arios menendis et uxor mea tivili . . . . . . facimus testamentum de nostra villa quam vocitant marmeleira, et habet has terminationes per cacumen mons tritici . . . . Mandamus ut si unus ex nobis morierit sit istum testamentum confirmatum in honore sancti vincenti . . . et ipsud testamentum quod sursum resonat fiat per manus cujus fuerit monasterium vacarice . . . . Liv. Preto — folh. 157 v.º

[3] Os annos a que se referem as datas dos documentos que achei no Livro Preto, relativos ao Mosteiro da Vaccariça, ahi vão apontados por ordem numerica, com as folhas do livro em que se acham transcriptas — anno 1002 folh. 61 — 1003, 68 — 1005, 67 v.º — 1006, 35 v.º — 1008, 81 v.º — 1014, 74 v.º — 1015, 35 v.º — 1016, 60 — 1018, 57, 58, 59, 59 v.º, 63, 85 — 1019, 58 v.º, 66 v.º — 1020, 44 — 1021, 72 v.º — 1025, 153 — 1032 96, v.º — 1034, 74, 97 v.º — 1036, 45, 74 — 1038, 95 — 1040, 55 v.º, 71 v.º — 1041, 62 — 1043, 41 v.º — 1045, 69, 77, 78 v.º, 80 — 1046, 72 — 1047, 42 v.º, 64, 65 v.º — 1052, 72 v.º — 1053, 70 v.º — 1055, 54 v.º, 80 v.º — 1057, 43, 52 v.º — 1064, 36 — 1078, 44 v.º — 1079, 50 v.º — 1084, 49 v.º — 1086, 48 v.º, 157 v.º — 1091, 84 v.º — 1093, 65 — 1094, 40 — 1095, 90 — 1098, 36 v.º — 1099, 51 v.º, 60 v.º — 1101, 229.

[4] Notitia de villis vaccarice — inventarium inter voucam et mondecum — era de 1102 (anno de Christo de 1064). Notum facimus de villas que sunt de monasterio de vaccariza inter vouga, et mondeco territorio collimbrie. id sunt villa nova que fuit de gundisalvo moniz et testavit eam filius suus frojula gunsalvis ad vacarizam. Villa de musarros cum sua ecclesia que fuit de abbate lovegildo ab integro per suis terminis. Eccleziam vocabulo sancti cucuvati cum adjecionibus suis. Villar de correixe cum sua ecclesia vocabulo sancti martini. Et in sangalios, villa que fuit de elias exalaba, ubi se avelanas infundit in certuma. Villa barriolo cum ecclesia vocabulo sancti mametis cum adjectionibus suis. Villa moronganos ad integrum. Villa tamengos cum sua ecclesia vocabulo sancti patri, que fuit de abba gaudio. Villa orta ad integrum. Villa arinios. Villa ventosa integra. Vinea de abba lodemiro. hic in ventosa villa de cepiis integra. Villa eilantes integra cum sua ecclesia vocabulo sancti felicis. In villa alfavara. Ecclesia vocabulo sancti christofori. In villa mortede ecclesia vocabulo sancta maria, cum adjectionibus suis. Et in villa de magistro montagueime monasterio

Á doação de todos os bens do mosteiro, em 1094, devia a Sé de Coimbra, como já disse, grande parte da opulencia, que lhe vimos ostentar até 1834.

Neste anno, pela execução do decreto dos foraes, promulgado na Ilha Terceira em 1832, foram abolidos, em beneficio dos lavradores, muitos foros, que faziam boa parte dos antigos rendimentos do Mosteiro da Vaccariça.

Destinos posteriores da Egreja do Mosteiro da Vaccariça.

Na Vaccariça não ha peça d'architectura nem monumento, que possa marcar com precisão o sitio do antigo mosteiro. Apenas sobre o topo O. da egreja, a correr com a face N., na antiga casa da residencia, que lhe está contigua, se encontra uma parede de um metro de grossura, com as pedras do quinal muito carcomidas. Esta parede, que, ha pouco, se demoliu em grande parte, e muitas moedas posteriores a D. Diniz [1], que tem apparecido em alicerces abertos nas vizinhanças da egreja, inculcando a successão de construcções n'este local, poderão servir d'um leve indicio da transição do antigo mosteiro para a egreja e casas, que hoje existem, e que são de architectura muito mais moderna. Transição, que melhor se póde presumir, por vermos ainda na egreja actual a mesma invocação de S. Vicente da egreja dos monges, e que sempre se tem conservado, como se deprehende dos documentos, já citados, do Livro Preto, e dos escriptos e tradição, em que se funda a ultima parte d'esta memoria, de que me resta fallar. Accrescendo ainda, que o sitio ameno e um pouco retirado da actual egreja, casas e propriedades, que lhe são contiguas, me parece muito apropriado ao estabelecimento dos monges da Vaccariça. Uma demarcação sem data, que se encontra no Livro Preto, com medidas de extensão a contar do mosteiro em differentes direcções [2], poderá ainda esclarecer este ponto duvidoso a quem, com o estudo no proprio local, podér traduzir os nomes já perdidos das fontes, ribeiros e montes, que alli se mencionam. O tom mysterioso, com que fallam os habitantes da Vaccariça n'um sitio chamado os Fieis de Deus, já fóra da villa a N E., faria lembrar, que algum convento n'aquelle ponto teria sido o logar do martyrio dos Eremitas, de que falla a chronica de Sancto Agostinho, se algum credito merecesse aquella noticia [1]. A aridez do terreno faz repellir a idêa da construcção d'um mosteiro n'este local, como já notou o sr. Miguel Ribeiro; e os indicios tendem a mostrar, que houve alli apenas um simples cruzeiro, ou cousa similhante, juncto do qual os fieis, que passavam, tivessem accumulado os montes de pedras, que por alli se tem encontrado, segundo a usança das devoções antigas. É do mesmo parecer o sr. Desembargador João da Cunha Neves de Carvalho, com quem fallei em Lisboa a este respeito em 1851; e a sua opinião é de muito peso, pelos seus conhecimentos archeologicos, e pelo estudo, que fez n'esta localidade, em todo o tempo que alli residiu, na quinta de Boufella ou Gesteira [2].

Qualquer que fosse o local do antigo Mosteiro da Vaccariça, a sua egreja de S. Vicente, depois da extincção do mosteiro, diz Fr. Antonio

vocabulo sancti petri. Villa freixenedo ad integrum ecclesiam vocabulo sancta eolalia in ripa certome. Villa vimeneira ad integrum. Monasterium de lauredo ad integrum. Sancta xpri cum adjectionibus suis. Villa canellas ad integrum. Villa de luzo, que fuit de abba noguram cum sua ecclesia vocabulo sancti tome. Ecclesia voccabulo sancto pelagio de varzenas. Monasterium de trazoi, quod fuit de abba trazoi. Sancta xpri de mortalogo. Monasterium de sourio ad integrum. Ecclesia sancti salvatoris de collimbria — Livr. Pret. — folh. 36.

[1] N'estas moedas, que mostrei em 1853 ao sr. Alexandre Herculano, ao sr. Bastos que o acompanhava, e ao sr. Levy Maria Jordão, apenas se descobrem as armas de D. Diniz.

[2] Affirmatio passalium — nos fratres de cenobio sancti vincenti qui sua veritate juraturi sumus nos nominatos xpophorus frater face bona pbr, Ihons pbr, sinilla frater firmamus per deum vivum creator omnium rerum quia ipsos passales sedecim qui jacent directo fonte miras. Ex utraque parte de rio usque in monte sunt in veritate sunt de cenobio sancti vincenti per cartas et directo pretio comparatos et non de testamento de laurbano. Et similiter firmamus ipsos quatuordecim passales de illa retorta ubi colligit se ipsa aqua et stat in compenso pro divertere ad parte de mauros, et inde plicat in illo rio agatha a parte aquilonis, ubi se applicat in ipso flumine ad ipsum montem. Et similiter firmamus viginti trez passales recto ipsa fonte de lagina de rio in rego, qui discurrit in ecclesia sancti michaelis, sicut illos partimus et demarcamus cum nostras heredes. Sic firmamus istos, quomodo illos alios cum suos cazales quos in nostras cartas et in nostros inventarios referunt ubique illos potuerimus invenire cum nostros sapitores, et sicuti ecclesia firmamus ipsam sancti michaelis quia est testata integra ad sanctum vicentem pro directo testamento, et non invenimus in eo, quod aliquam partem habeat laurbanum ad hereditandum. Liv. Pr. folh. 43 v.

[1] Vej. pag. 3, col. 2, not. 2.

[2] Na verga d'um portão de pateo, juncto ao adro da Egreja, vê-se um letreiro tosco, aberto a sinzel, parecendo dizer — 475 annos. Esta ultima palavra está escripta com um só-n-; e entre ella e os algarismos ha um coração atravessado por uma setta. A primeira letra d'algarismo fórma com os dous ramos um angulo recto, sendo o horizontal um pouco mais curto; e por cima do ramo vertical vê-se uma especie de accento agudo. Este accento poderá pôr em duvida se a inscripção é 475, 175 ou 1475. Em qualquer dos casos parece-me sem valor esta inscripção, porque a epocha de 175 é inteiramente alheia ás noticias que ha do Mosteiro da Vaccariça; a de 1475 cáe entre a extincção do convento e a sua doação feita aos Eremitas de Nossa Sr.ª da Graça; e, se a de 475 poderia approximar-se da epocha em que alguem julgou ter-se fundado o mosteiro (vej. pag. 3) a perfeita conservação da pedra (calcareo das pedreiras de Ilhastro ou Ançã), assim exposta á acção do tempo, não permitte a suspeita de que esta inscripção fôra contemporanea do facto que representaria, nem mesmo dos primeiros seculos depois d'este facto. Ainda poderá julgarse, que esta inscripção teria sido copiada d'outra pedra; mas não vejo fundamento nem indicios, que possão dar alguma probabilidade a esta simples conjectura.

da Purificação, que ficou sendo a egreja parochial da freguezia da Vaccariça, e a matriz de mais duas parochias, que n'esta epocha tambem se levantaram n'aquelles sitios, uma em Luso e outra na Pampilhosa. Todas tres ficaram parochiadas por clerigos seculares, cada um dos quaes tinha por congrua os meios dizimos da sua freguezia.

Assim se conservou por muitos annos a egreja da Vaccariça; e em 1557, com auctorisação d'um Breve de Paulo 4.°, de 22 de abril do mesmo anno, foi doada, com as duas filiaes e os respectivos meios dizimos, aos eremitas de Nossa Senhora da Graça de Coimbra, pelo Bispo D. João Soares, como reconhecimento de ter recebido d'esta ordem a sua educação religiosa [1].

O reitor do collegio da Graça ficou sendo o prior collado da egreja da Vaccariça, e as funcções parochiaes exercidas por um encommendado com a denominação de vigario, nomeado em capitulo entre os mesmos regulares e confirmado pelo ordinario. Tinha um coadjuctor secular nomeado pelo reitor, e tambem confirmado pelo ordinario. A mesma nomeação tinha logar a respeito dos curas seculares, que parochiavam as egrejas filiaes de Luso e Pampilhosa [2].

O vigario da Vaccariça tinha alem do pé d'altar, a casa e o rendimento dos bons passaes, oitenta mil réis do collegio; e o coadjuctor unicamente casa de residencia e setenta mil réis.

O cura de Luso tinha quarenta mil réis; e o da Pampilhosa oitenta mil réis; tudo em metal [3].

Em 1834, pela abolição dos dizimos e extincção das casas religiosas, desligaram-se aquellas tres egrejas, e a boa vivenda, casas e quinta, que constituiam os passaes da Vaccariça, foram incorporados nos bens nacionaes, e vendidos ao sr. Manoel Ferreira d'Azevedo, da Mealhada, em 11 de fevereiro de 1844, por dous contos oitocentos e um mil réis, entrando n'esta quantia novecentos trinta e tres mil e setecentos réis em metal, e o mais em papeis de credito.

O ultimo vigario regular da Vaccariça, que estava na egreja em 1834, e que alli se conservou, como secular encommendado, até junho de 1835, foi o sr. Fr. José de Menezes. Seguiram-se parochos, que assignavam os assentos da egreja como *parochos interinos*, o sr. P.e Constantino Joaquim de Oliveira até 2 de fevereiro de 1836, o sr. P.e José Vieira de Mello desde este dia até 13 de abril do mesmo anno, e depois, o sr. P.e Joaquim Duarte de Mattos até 3 de julho de 1837. Seguiu-se um intervallo de mais de 3 annos, em que esta egreja esteve sem parocho. N'esta epocha os freguezes da Vaccariça quasi todos se confessavam e desobrigavam nas egrejas vizinhas; e alguns serviços de maior urgencia eram feitos alternadamente por differentes clerigos da freguezia; principalmente pelo sr. P.e Victorino Vieira de Mello, que fez a maior parte d'este serviço, o sr. P.e Constantino Joaquim de Oliveira, e o sr. P.e Joaquim Duarte de Mattos. Em 22 de novembro de 1840 acabou esta irregularidade, tomando posse de vigario encommendado o sr. P.e Antonio Correa da Fonseca, que serviu até 1847. N'este anno, a 23 de novembro, foi collado n'esta egreja o actual parocho o sr. P.e Victorino Vieira de Mello, (primo d'aquelle), que tem de congrua duzentos mil réis, entrando n'esta quantia sessenta mil réis, que lhe arbitraram de pé d'altar [1]. No processo da collação ainda vem considerado como vigario; mas da-se-lhe geralmente a denominação de prior, que já competia ao reitor da Graça na qualidade de parocho collado na mesma egreja.

[1] Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho — tom. e part. 1.ª livro 1.° titulo 8.° §.° 5.° — Diz, que este Breve se acha no Cartorio da Graça; mas quem o quizer ver só por casualidade o poderá encontrar. Procurando no Governo Civil de Coimbra aquelle Breve e outras noticias, achei, em logar do interessante Cartorio da Graça de 1834, uns poucos de massos de papeis sem ordem, que apenas occupavam tres ou quatro palmos ao canto d'uma estante.

[2] Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho — logar citado.

[3] Os documentos d'estas noticias deveriam estar em outro tempo no Cartorio da Graça. Ainda bem que já são noticias contemporaneas.

[1] O Parocho de Luso tem 125$000 réis, contando de pé de altar 50$000 réis; e o da Pampilhosa 100$000 réis, entrando 14$000 réis de pé d'altar.

CERCA DE BUSSACO.[1]

Mata e edificios.

A conhecida mata de Bussaco, com o extincto convento dos Carmelitas Descalços, occupa, na extremidade N. da serra do mesmo nome, a parte mais elevada da sua encosta occidental. O muro, que a circunda, percorre uma extensão de 17:290 palmos, e acha-se dividida em duas partes quasi eguaes pela rua, que vai da Portaria á Porta de Sula, tendo o muro da parte inferior 8:930 palmos e o da parte superior 8:360[2]. Assente no concelho da Mealhada, foi primeiro do districto de Coimbra; mas, pela nova divisão territorial de 31 de dezembro de 1853, ficou pertencendo ao districto d'Aveiro.

Não achei noticias do principio d'esta mata. É de crer que os primeiros ermitães d'aquelle deserto já fossem attrahidos pela solidão de escuras brenhas; mas, ainda assim, nem approximadamente lhe posso marcar o seu começo, pela incerteza que vejo em tudo o que dizem os chronistas d'esses antigos ermitães.

[1] Tem-se querido achar a etymologia de Bussaco na palavra — Boçal — com que denominavam um negro malvado, que se diz ter vivido n'esta mata; na inversão das palavras — saco-bus — com que respondia um devoto, nas vizinhanças de Bussaco, a quem lhe perguntava o proveito das suas visitas á mata, como inculcando o silencio — bus — que sacava ou aprendia a guardar n'aquella solidão; e tambem se tem querido derivar do nome — sublaco — que os primeiros Monges Benedictinos da Vaccariça teriam dado áquella serra, já então sitio de penitencia, por analogia com o deserto de Sublaco na Italia, onde S. Bento, na conhecida Cova de Sublaco, vivera tres annos fóra do mundo em penitencia austera. Tendo na devida conta estes arbitrios etymologicos, achei mais razoavel guiar-me pelos escriptos antigos sobre a orthographia da palavra; e tendo achado — Buzaco — no Livro Preto, em documentos do seculo 11.°; — Bussaco — na Benedictina Lusitana escripta em 1644, e — Bussaco — na Chronica dos Carmelitas Descalços de 1721, preferi — Bussaco — a Buçaco, seguindo n'este arbitrio a orthographia geralmente adoptada nas correspondencias particulares, na imprensa periodica, e nas peças officiaes; sem com tudo desconhecer que poderia escrever — Buçaco — com o bom fundamento da auctoridade de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, e do Sr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

[2] Estas medidas foram tiradas em 1852 pelo sr. João Baptista Ferreira, da Mealhada.

Sabemos que os frades carmelitas, poucos annos depois da fundação do seu convento[1], levantaram os muros da cêrca no terreno, que acharam coberto de arvorêdo; e já então alli avultavam numerosos e grandes carvalhos, como se collige d'um interessante poema de 1634, que devemos á nossa illustre poetiza D. Bernarda Ferreira de Lacerda[2]. Mas é de crer, que a mata estivesse n'esta epocha muito menos fechada, porque a mesma penna achou assumpto, para uma elegante quadra latina, em rochedos escalvados[3], que hoje se acham cobertos de arbustos e ramagem.

Os cedros gigantes, já sobranceiros aos carvalhos antigos, conta Fr. João do Sacramento[4], que foram mandados vir dos Açores[5], e primeiramente plantados, juncto á ermida de S. José, pelo Reitor da Universidade Manoel de Saldanha, que fundou aquella ermida em 1643.

[1] Vej. pag. 16.

[2] Con negras sombras de robles
Que alli son grandes, y muchos
Llenos de barbas por viejos,
Y en las cabeças tan juntos
Que no sufren los traspasse
El planeta rubicundo.
En lugar de grama siembran
El suelo guijarros duros,
Pardos, azules, y negros
Que el tiẽpo cubrio de musgo.

Soledades de Bussaco por Dona Bernarda Ferreira de Lacerda — 1634.

[3] Super rupes tuas
Garrulantes aves
Cantitant suaves
Cantilenas suas.

(Idem).

[4] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2.°, livr. 4.°, cap. 20.°

[5] Cedro de Gôa ou Cedro de Bussaco — Cupressus Glauca, Cupressus Lusitana.

Os Botanicos são concordes em que estes cedros são originarios de Gôa; e *Le Bon Jardinier*, de 1854, diz que foi aclimatado entre nós nas visinhanças de Lisboa. Nos Açores dizem-me que não ha memoria d'estes cedros; e que só ha poucos annos são cultivados, como novidade, n'alguns jardins das Ilhas do Pico e S. Miguel.

É possivel que se aclimatasse primeiro nos Açores, e que se perdesse n'estas Ilhas pouco depois de ter passado a Portugal.

Ao primeiro cedro de Bussaco, ao progenitor de quantos alli se teem criado, consagrou o sr. José Freire um trecho poetico de muito merecimento, que o sr. Adrião Forjaz applicou ao respeitavel cedro, que se encontra pouco adiante da ermida de Sancta Thereza[1], na rua que vai do convento á Porta de Sula. Alguem se tem lembrado de tributar esta homenagem ao cedro, que se vê na rua do Horto com 22 palmos de circumferencia. Mas Fr. Leão de S. Thomaz, e Fr. João do Sacramento, parece terem resolvido a questão, dizendo que os primeiros cedros de Bussaco foram plantados juncto á capella de S. José ; e o primeiro auctor, tendo escripto em 1651, deve julgar-se contemporaneo do facto.

O souto de castanheiros, que se vê perto da fonte fria, foi cortado em 1853, e rendeu, approximadamente, 350$000 réis com applicação a reparos no convento e ermidas.

Os carvalhos e alguns arbustos, que se vêem na mata, encontram-se tambem fóra dos muros na encosta occidental da serra, vegetando espontaneamente, e tendendo a fechar-se em brenha, a pezar do machado e dos incendios, que frequentemente os vão devastando: o que parece inculcar que a mata, antes de resguardada, não tivera outro arvorêdo; e que depois, a curiosidade dos religiosos a fizera povoar da variada vegetação, que alli se encontra. É certo, que os frades tinham todo o cuidado na conservação da mata, e particularmente dos cedros, que o prelado, por obrigação ou costume antigo, mandava semear e plantar todos os annos.

A Chronica dos Carmelitas Descalços falla de ermidas no Bussaco, já dos primeiros tempos da era christã, onde diz, que viveram em penitencia os eremitas carmelitanos, que n'essa epocha tinham vindo das visinhanças de Toledo[3], e menciona tambem outras ermidas como dependencias do Mosteiro da Vaccariça entre os seculos VI e XI[4]; mas esta noticia tem apenas o valor d'uma simples asserção, sem documentos nem auctoridade contemporanea, em que se funde. Fr. Leão de S. Thomaz dá noticia d'um pequeno mosteiro no cimo da montanha, perto da chamada Cruz Alta, filial do Mosteiro da Vaccariça, com invocação de Sancta Eufemia, cujas ruinas aproveitou o Reitor da Universidade Manoel de Saldanha, para mandar construir em 1648 o baluarte e ameias sobre que assenta aquella cruz[1]. Podem ficar algumas duvidas sobre a existencia d'este mosteiro no tempo dos monges da Vaccariça, e como filial do seu convento; mas não devemos duvidar, que, antes d'esta obra de Manoel de Saldanha, havia alli perto um mosteiro em ruinas, porque o vemos noticiado por um auctor contemporaneo[2]. A Chronica dos Carmelitas Descalços não falla d'este mosteiro; mas, referindo-se ás ermidas d'aquelle tempo, menciona os vestigios d'uma ermida de Sancta Eufemia (restos do mosteiro, talvez), e d'outra de S. Silvestre; accrescentando, que as suas imagens, já de ha muito, tinham sido trasladadas para as povoações vizinhas: a da Sancta para uma ermida da Lameira de Sancta Eufemia, e a de S. Silvestre para Luso, onde por muito tempo se venerou por seu orago[3].

A historia do convento carmelita, e das ermidas, que vemos na mata, satisfaz muito mais pela sua minuciosidade e maior exactidão.

Fr. Thomaz de S. Cyrillo, escolhido pelo provincial dos carmelitas descalços para fundador e prelado d'este convento, partiu d'Aveiro para Bussaco a 29 de junho de 1628, junctamente com Fr. João Baptista e Alberto da Virgem. Chegaram a Luso no mesmo dia; e a 25 de julho lhe appareceram, para o coadjuvar, Fr. Antonio do Espirito Sancto, Fr. Bento dos Martyres, e o pedreiro Antonio das Chagas[4].

Começaram a edificação a 7 d'Agosto. Veneraram pela primeira vez o Sanctissimo a 28 de fevereiro de 1629, e a 19 de março de 1630 poderam já principiar a completa observancia do seu instituto[5].

Os nove passos da prisão de Christo, desde o Horto de Gethesemani até ao Pretorio de Pilatos; e os seis da Paixão, desde o Pretorio até ao Calvario, foram primeiro assignalados com cruzes pelo Reitor da Universidade Manoel de Saldanha, que a muito custo conseguiu abrir, nos rochedos da encosta, commoda estrada para toda a via-sacra. O bispo conde, D. João de Mello, localisou com mais precisão esses passos, por medidas que mandou vir da propria Jeruzalem[6]; e os encer-

[1] Memorias de Bussaco e Uma Viagem á Serra da Louzã, por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio — part. 1.ª — §.º 5.º. N'este logar vem transcripta a poesia do sr. José Freire. Encontra-se a descripção da mata e do convento n'esta memoria do sr. Forjaz, de 1850; na Chronica dos Carmelitas Descalços, de 1721; e nas Soledades de Bussaco de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, de 1634.

[2] Benedictina Lusitana — tom. 2.º — trat. 1. — parte 4.ª — cap. 17. Chronica dos Carmelitas Descalços — (logar cit.)

[3] Vej. pag. 18.

[4] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2.º, livr. 4.º, cap. 15.

[1] Benedictina Lusitana — (logar citado).

[2] F.r Leão de S. Thomaz (Bened. Lus.) dá esta noticia em 1651.

[3] Chronica dos Carmelitas Descalços (logar citado). A invocação da egreja de Luso era S. Thomé em 1064 (pag. 12, col. 2, not. 2 d'esta mem. — Liv. Preto, folh. 36); S. Silvestre em 1721 (Chronica citada); e actualmente é Nossa Senhora da Natividade.

[4] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2.º, liv. 4.º, cap. 12.º e 16.º

[5] Memorias de Bussaco — part. 2.º § 7.

[6] Estas medidas são uma ficção, segundo alguns viajantes. A fôrça das tradições tem feito respeitar em Jerusalem certos logares como os proprios, em que se passaram as differentes scenas da Redempção; mas nem a posição d'estes logares se harmoniza com a sua descripção no Evangelho, nem a posse tão duradoura d'esta cidado pelos Infieis deixaria de apagar os vestigios d'estes me-

rou nas ermidas. Ultimamente D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, tambem Bispo de Coimbra, substituiu as pinturas das capellas por imagens em vulto [1], que successivamente se foram aperfeiçoando.

Não encontramos as datas de todas estas obras; mas póde ajuizar-se d'ellas, pouco mais ou menos, sabendo-se que Manoel de Saldanha promoveu em Bussaco outros trabalhos desde 1644 até 1648, que D. João de Mello construiu algumas capellas em 1694 [2], e que D. Antonio de Vasconcellos e Sousa possuiu a mitra desde 1706 até 1717 [3].

As capellas, em que os religiosos íam passar a vida ermitica da sua regra, chamadas ermidas d'habitação ou de penitencia, vêm mencionadas com os seus fundadores na Chronica dos Carmelitas Descalços; mas só a quatro se designa a data da sua fundação.

A ermida de S. José, fundada em 1644 pelo Reitor Manoel de Saldanha. [4]

A ermida do Sancto Sepulchro, fundada em 1646 pelo mesmo Reitor, em memoria de Ruy Fernandes de Saldanha.

A ermida de Nossa Senhora da Expectação, fundada em 1647 por D. Joanne Mendes de Tavora, Bispo de Coimbra, e filho dos Condes de S. João.

A ermida de S. João Baptista em 1650

numentos da christandade. Chateaubriand e Lamartine dizem o seguinte — « Jérusalem a été prise et sacagée dix sept fois; des millions d'hommes ont été égorgés dans son enceinte, et ce massacre dure pour ainsi dire encore; nulle autre ville n'a éprouvé un pareil sort » — Itinéraire de Paris a Jerusalem par Mr. le Vicomte de Chateaubriand tom. 2.me

« Le Calvaire, le tombeau et plusieurs autres sites du drame de la Rédemption, se trouvent ainsi accumulés sous le toit d'un seul édifice d'une médiocre étendue; cela semble peu conforme aux récits des évangiles........ Au sortir de l'église du Saint Sépulcre, nous suivîmes la voie Douloureuse, dont M. de Châteaubriand a donné un si poétique itinéraire. Rien de frappant, rien de constaté, rien de vraisemblable; des mesures de construction moderne, données partout, par les moines aux pélerins, pour des vestiges incontestés des diverses stations du Christ. L'oeil ne peut avoir même un doute, et toute confiance dans ces traditions locales est détruite d'avance par l'histoire des premières années du christianisme, où Jérusalem ne conserva pas pierre sur pierre, où les chrétiens furent ensuite bannis de la ville pendant de nombreuses années. » — Souvenirs, Impressions, Pensées et Paysages pendant un voyage en Orient . . . par A. De Lamartine — tom. 2.me

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2.° — liv. 4.° — cap. 21

[2] Nas paredes da primeira ermida da paixão lê-se o seguinte = « Estas dez ermidas mandou fazer o Ill.mo Sr. « D. João de Mello, Bispo Conde, na era de 1694. » Memorias de Bussaco — part. 2.ª — §.° 1.°

[3] Catalogo manuscripto dos Bispos de Coimbra.

[4] No interior da capella de S. José, vê-se uma lapida que diz o seguinte: « Manoel de Saldanha . . . mandou « fazer esta ermida com os Passos da Paixão que d'ella « começam. » . . 1644.

Mal se póde conciliar esta inscripção com a noticia que dá a Chronica de terem sido encerrados em ermidas todos os Passos pelo Bispo D. João de Mello . . . Pelo menos póde colligir-se que estes dous Bispos foram os fundadores das capellas dos Passos.

por Antonio de Saldanha do Conselho de Guerra de El-Rei D. João 4.°, Governador da Torre de Belem, e Alcaide Mór de Villa-Real.

A ermida de Sancta Thereza, fundada por Bento Pereira de Mello, Deão da Sé de Coimbra.

A ermida de S. Elias, por Antonio Pinto Bôtto.

A ermida de Nossa Senhora da Conceição, por D. Rodrigo de Mello, irmão do Marquez de Ferreira.

A ermida de S. Miguel, fundada pelo licenciado Antonio Vaz Preto, prior de Freyxedo.

A ermida do Sanctissimo Sacramento por D. Marianna Cardenes, Duqueza de Torres Novas.

A ermida de Nossa Senhora d'Assumpção, fundada por Diogo Lopes de Sousa.

A ermida do Calvario, pelo bispo D. João de Mello.

Tambem aqui se póde mencionar a ermida de Sancto Antão, que não é de habitação nem de passos, e que foi fundada pelo Reitor da Universidade, Manoel de Saldanha [1].

No sitio da Cruz Alta, que se vê na parte mais elevada da mata, coroando o cume da montanha, diz-se que um piloto levantára primeiro, em tempos antigos, uma grande cruz de madeira, em memoria de ter avistado de mui longe esta parte da terra, andando perdido no Oceano.

Destruida com o andar dos tempos, foi esta cruz substituida por outra, que d'um alto cypreste mandou fazer Francisco Ferreira de Miranda, morador na Graciosa.

Este grande lenho foi derribado por um raio em 1645; e a 14 de Septembro de 1648 foi eregida em seu logar, pelo já referido Reitor da Universidade Manoel de Saldanha, a primeira cruz de pedra com 16 a 20 palmos d'altura, sobre um baluarte cercado de ameias, que mandou construir das ruinas do Mosteiro de Sancta Eufemia, de que já fallei [2].

Um outro raio, ou acção do tempo, pouco antes de 1834, tinha feito rachar os braços d'esta primeira cruz de cantaria; e, acabada de quebrar, foi depois reconstruida pelo governo civil de Coimbra em 1841.

A ultima obra, que fizeram os religiosos no Bussaco, foi a reedificação da portaria da mata, em 1831, n'aquelle gosto singular de quinaes toscos e grosseiros embrechados, que se vê ter guiado toda a construcção do convento e ermidas; e tinham em construcção a fonte de Sancta Thereza.

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços tom. 2.° — liv. 4.° — cap. 19.° e 20.

[2] Benedictina Lusitana — tom. 2.° — trat. 1.° — part. 4.° — cap. 17.°

Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2.°, liv. 4.°, cap. 22.

A Benedictina dá-lhe 20 palmos d'altura, e a Chronica 16.

Ermitães, Hospedes, e Desterrados.

Tem-se fallado de ermitães em Bussaco antes da era de Christo; e até se tem dicto, que alguns obreiros da Torre de Babel vieram acabar penitentes n'este retiro, e que seguiram o seu exemplo alguns Essenos e Recabitos do Instituto Prophetico ou do Carmelo, vindos com os Hebreos, que Nabuchodonosor tinha feito passar da Babylonia para a Hespanha. Tem-se dicto egualmente, que, logo depois de Christo, procuraram o deserto de Bussaco alguns ermitães do seminario carmelitano, fundado nos arrabaldes de Toledo pelo carmelita Elpidio, então bispo n'aquella Cidade. [1] Mas ainda prescindindo d'estas fabulas, não achei senão probabilidades no mais que se tem dito dos ermitães de Bussaco.

Em quanto existiu o Mosteiro da Vaccariça, conta-se que um ou outro monge subia de quando em quando áquella serra, para alli trocar a vida cenobitica pela vida anachoretica em ermidas isoladas [2]; e que por muitos annos tambem alguns d'estes monges, que se tinham votado a uma vida mais concentrada, alli viveram em communidade no pequeno mosteiro de Sancta Eufemia, de que já fallei; noticia que poderá ter algum fundamento, se a Mata de Bussaco foi pertença do convento da Vaccariça, e se foi annexo a este convento o pequeno mosteiro de Sancta Eufemia [3].

Conta-se tambem, só com o fundamento de simples tradição, que entre os ermitães de Bussaco fôra muito celebrado um sancto varão de Luso ou visinhanças, que por muitos annos frequentou aquella mata com edificante devoção; e, por contraste, egualmente se tem fallado d'um negro malvado, que recolhia as suas pilhagens, n'aquella gruta, ainda hoje chamada Cova do Negro, que se vê na ermida do Sancto Sepulchro, logo acima do Calvario [4]; tradição, cuja importancia não se póde medir, porque não sabemos a epocha do facto, a que se refere.

Desde que acabou o Mosteiro da Vaccariça em 1094 [5] até á doação da sua Egreja ao Collegio da Graça em 1557 [6], não ha noticia dos ermitães, que substituiram em Bussaco os Bubulences; mas logo depois um graciano, que foi viver n'aquella Villa, e cujo nome se perdeu, tornou-se muito saliente, segundo conta Fr. João do Sacramento, pela devoção, com que subia a serra todas as sextas feiras, para commemorar a paixão do redemptor, ficando nas ermidas noutes inteiras, absorto na contemplação das tragicas scenas de Jeruzalem [1]. Seguiram-se outros devotos sem notabilidade, que foram successivamente conservando o prestigio religioso n'aquelle retiro, até á fundação do convento dos carmelitas descalços.

Em quanto durou este convento, desde 1630 até 1834, [2] sempre os religiosos cumpriram os deveres da vida ermitica da sua regra, nas capellas de penitencia já mencionadas. Depois da extincção das corporações religiosas, não sei de ninguem, que alli se tenha dado áquelles sanctos exercicios.

Em todo o tempo dos religiosos carmelitas, por vezes se recolheram ao seu deserto, entre outros, os Bispos de Coimbra D. João Manoel, D. Joanne Mendes de Tavora, D. João de Mello, D. Antonio de Sousa e Vasconcellos; e o Bispo Eleito de Vizeu e Reitor da Universidade Manoel de Saldanha, etc.

Já antes de 1834 visitavam Bussaco muitas pessoas de notabilidade, nacionaes e estrangeiras, que passavam na sua visinhança; mas, depois de aberta a clausura, tornaram-se mais frequentes estas visitas; e a 28 d'abril de 1852 almoçaram no convento de Bussaco a Srª. D. Maria II, e o Sr. D. Fernando, com os dous filhos mais velhos, o Sr. D. Pedro V., então Principe Regente, e o Sr. Infante D. Luiz.

Bussaco é visitado em todo o anno, e principalmente no verão, por numerosas familias e ranchos de camponezes; mas o dia da Ascensão tem-se convertido, ha poucos annos, em dia de folguedo e romaria. A concurrencia n'este dia tem augmentado successivamente; e este anno já se calculou em 2500 pessoas.

Tambem este deserto serviu de desterro aos Infantes D. Antonio e D. José, (Meninos de Palhavã), filhos naturaes d'el-rei D. João V., desde 1760 até á morte de el-rei D. José em 1777, por dissidencias que tiveram com o Marquez de Pombal; em 1794 e 1795, a alguns padres penitenciados pelo Sancto Officio; ao Bispo de Bragança D. Antonio Luiz da Veiga, por ordem da Regencia do Reino, desde 1814 até 1818; pelas nossas dissensões politicas, ao Cardeal Patriarcha D. Carlos, em 1821; ao Arcebispo de Braga D. Fr. Miguel da Madre de Deus, e ao Bispo de Pinhel D. Bernardo, em 1823 [3]; e ultimamente, desde outubro de 1829 até fevereiro de 1832, ao Prior de Monsarrás, Joaquim Placido Galvão Palma [3].

Devo aqui mencionar o dia 27 de septembro de 1810, que deu notabilidade á Serra de Bussaco por todo o mundo politico, pela conhecida batalha entre os Francezes e o exercito

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços — tomo 2.º — liv. 4.º — cap. 15.º

[2] Chronica dos Carmelitas Descalços (logar citado.)

[3] Vej. pag. 16.

[4] Vej. a nota 1 de pag. 15.

[5] Vej. pag. 7.

[6] Vej. pag. 13.

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços — (logar citado.)

[2] Veja-se pag. 16.

[3] Memorias de Bussaco — part. 2 — §. 10.

Luso-Anglo, de que se acha uma descripção curiosa nas Memorias de Bussaco do sr. Forjaz, e n'outra memoria transcripta em 1816 na Redacção Patriotica n.° 50. E não é menos glorioso para o nome de Bussaco o anno de 1853, em que esta serra ficou sendo conhecida no mundo scientifico pela publicação, que fez a Sociedade Geologica de Londres, de uma interessante memoria sobre os trabalhos geologicos do sr. Carlos Ribeiro, quando dirigia as pesquizas da bacia carbonifera no sopé occidental da serra [1]; memoria, que se acha ornada com muitas gravuras de fosseis de Bussaco, e entre estes alguns generos e muitas especies dedicadas ao sr. Carlos Ribeiro, como seu descobridor, merecendo particular menção o novo genero — *Ribeiria pholadiformis* — em cuja denominação a Sociedade Geologica de Londres quiz dar um testemunho da elevada consideração, que lhe mereceu o geologo portuguez [2]. Tambem se podem archivar como factos historicos da serra de Bussaco o corte em ziguizagues, que ha dous annos se concluiu na montanha, para a estrada entre a Mealhada e Vizeu, cujos trabalhos foram dirigidos pelo

[1] Em Sancta Christina abriram-se dous poços, sendo um obliquo de 170 palmos e outro vertical de 50 palmos. Em Sazes um vertical de 200 palmos. E em Vallongo um tambem vertical de 200 palmos; e do fundo para baixo mais 420 palmos de furo de sonda. Começaram os trabalhos em Janeiro de 1850, e suspenderam-se em Novembro de 1852.

[2] Fosseis desconhecidos em geologia, e descobertos pelo sr. Carlos Ribeiro na Serra de Bussaco, com a indicação dos auctores que os classificaram.

Dithyrocaris? longicauda	Sharpe; especie nova.
Ogygia? glabrata	Salter; esp. n.
Beyrichia Bussacenssis	Jones; esp. n.
Simplex	Jones; esp. n.
Disteichia reticulata	Sharpe; genero novo e esp. n.
Synocladia Lusitanica	Sharpe; esp. n.
Hypnoides	Sharpe; esp. n.
Pecopteris leptophylla	Bunbury; esp. n.
Ostis Ribeiro	Sharpe; esp. n.
Exornata	Sharpe; esp. n.
Bussacensis	Sharpe; esp. n.
Mundæ	Sharpe; esp. n.
Porambonites lima	Sharpe; esp. n.
Ribeiro	Sharpe; esp. n.
Leptæna Beirensis	Sharpe; esp. n.
Ignava	Sharpe; esp. n.
Dolabra Lusitanica	Sharpe; esp. n.
Nucula Costæ	Sharpe; esp. n.
Ciæ	Sharpe; esp. n.
Ribeiro	Sharpe; esp. n.
Ezquerræ	Sharpe; esp. n.
Leda Escossuræ	Sharpe; esp. n.
Nucula Mäestri	Sharpe; esp. n.
Eschvvegii	Sharpe; esp. n.
Beirensis	Sharpe; esp. n.
Bussacensis	Sharpe; esp. n.
Modiolopsis elegantulus	Sharpe; esp. n.
Cypricardia Beirensis	Sharpe; esp. n.
Ribeiria pholadiformis	Sharpe; gen. n. e esp. n.
Pleurotomaria Bussacensis	Sharpe; esp. n.
Theca Beirensis	Sharpe; esp. n.

On the Carboniferous and Silurian Formations of the neighbourhood of Bussaco in Portugal. By Senhor Carlos Ribeiro. With Notes and a Description of the animal remains, by Daniel Sharpe. etc.

sr. Vasconcellos; e o edificio dos banhos de Luso, que se acha em construcção por uma sociedade, que tomou a obra por empreza á camara municipal da Mealhada.

Possuidores de Bussaco.

A mesma obscuridade, que achei sobre os principios da mata de Bussaco, encontra-se tambem sobre os seus primitivos possuidores; no entanto aqui póde apanhar-se o fio das probabilidades em epocha muito mais remota.

N'um inventario dos bens e logares do convento da Vaccariça, feito em 1064 [1], encontrei mencionados trez logares do sopé da serra — Luso, Sancta Christina, e Varzeas — o que parece inculcar, que este sitio da mata então lhe pertencia, por se achar nas mesmas vertentes.

Se este inventario, e o que nos diz Fr. Leão de S. Thomaz do Mosteiro de Sancta Eufemia de Bussaco, como filial do Convento da Vaccariça [2], podem mostrar, que a mata pertenceu aos Monges Bubulences, é de crer que a sua acquisição fosse anterior ao seculo XI, por não constar das escripturas do Livro Preto, de compras, trocas e doações das propriedades d'estes monges, cujas datas alcançam a 1002.

Como pertença do Mosteiro da Vaccariça, passou a mata de Bussaco á Sé de Coimbra em 1094, pela doação feita por D. Raimundo, de todos os bens d'este mosteiro ao Bispo D. Cresconio [3]. Depois em 11 de maio de 1628, foi doada pelo Bispo D. João Manoel aos carmelitas descalços, que então procuravam o local apropriado para uma casa de solidão e penitencia, que devia ter a sua provincia de Portugal, já desmembrada da de Castella. Esta doação foi confirmada por breve do Papa Urbano VIII de 8 de fevereiro de 1629, que auctorisou a permutação d'esta mata, avaliada em cento e oitenta mil reis, por outros bens que o Bispo comprou para a Mitra no valor de cento e oitenta e sete mil reis [4].

Os carmelitas descalços construiram o seu convento na mata, como vimos, e alli viveram até 1834. N'este anno, pela extincção das ordens religiosas, passou a mata de Bussaco á fazenda nacional, onde se conserva actual-

[1] Pag. 12, col. 2, not. 2 d'esta mem. (já citada) — Livro Preto — fol. 36.

[2] Vej. pag. 16.

[3] Veja-se pag. 7.

[4] Chronica dos Carmelitas Descalços — tomo 2.° — liv. 4.° — cap. 11.° Nas Memorias de Bussaco do sr. Forjaz attribue-se esta doação, por equivoco, ao Bispo D. João de Mello; mas nas differentes peças do processo, copiadas na Chronica, vem claramente designado o nome de D. João Manoel, Bispo de Coimbra, e Arcebispo Eleito de Lisboa.

mente. Abertas as portas da clausura, foi immensa a concurrencia dos visitadores, que alli affluiram de toda a parte; e o desleixo das auctoridades, nos primeiros annos, deu logar a grandes estragos na mata e ermidas.

O ultimo prior do convento, Fr. Antonio de Sancta Luzia, e mais quatro religiosos que alli ficaram, Fr. Antonio de S. Thomaz d'Aquino, Fr. João da Cruz, Fr. Bernardo de Sancto Antonio, e Fr. Antonio da Expectação, arrendaram depois os pequenos pedaços de terra culta, que ha juncto do convento; e em julho de 1837, por uma portaria do Administrador Geral o sr. Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, foi o P.e Prior encarregado da guarda especial do convento e mata, coadjuvado pelo Administrador do Concelho. Em 1838, por sollicitações do valioso protector d'este monumento nacional, o sr. Manoel de Serpa Machado, baixou do governo a Portaria do primeiro de dezembro, que alliviou os padres d'aquella renda, como recompensa da vigilancia da mata, e do encargo d'alguns reparos no muro da cêrca. Ultimamente o Governador Civil o sr. Thomaz d'Aquino Martins da Cruz, visitando aquelle sitio no verão de 1850, providenciou sobre a policia da mata, mandando para alli uma guarda permanente de veteranos d'Aveiro, e sujeitando á approvação do governo um regulamento a este respeito com data de 12 de septembro de 1850. Dos religiosos, que alli ficaram em 1834, apenas se conserva o sr. Fr. Antonio de S. Thomaz d'Aquino.

INDICE.

ESTA OBRA FAC-SIMILADA DA EDIÇÃO DE 1855 DE *HISTÓRIA DO MOSTEIRO DA VACCARIÇA E DA CERCA DO BUSSACO,* OFFERECIDA AO INSTITUTO DE COIMBRA POR ANTÓNIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES, PUBLICADA AGORA PELA CÂMARA MUNICIPAL DA MEALHADA, TEM NOTA INTRODUTÓRIA DO PRESIDENTE DA CÂMARA DA MEALHADA, CARLOS ALBERTO COSTA CABRAL E PREÂMBULO DO VEREADOR DO PELOURO DA CULTURA DA CÂMARA DA MEALHADA, FERNANDO JOSÉ FERRAZ DA SILVA.
FOI PRODUZIDA PELO DEPARTAMENTO GRÁFICO DAS EDIÇÕES MINERVACOIMBRA. A MONTAGEM, IMPRESSÃO E O ACABAMENTO ESTIVERAM A CARGO DA IMPRENSA DE COIMBRA, LDA.
O LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR EM 28 DE NOVEMBRO DE 2002.
DEPÓSITO LEGAL 188281/02 • ISBN 972-798-057-0